Caderno de Imagens da Europa
CADEBIO

A EUROPA

CADERNO

DE

IMAGENS DA EUROPA
Do mesmo autor:

Publicado pela COMPANHIA EDITORA NACIONAL

ITINERARIO
RONALD DE CARVALHO

CADERNO
DE
IMAGENS DA EUROPA

1935
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gumeses, 24-A a 30 — São Paulo
Decadencia da machina. Resurreição do homem 7
A classe de 1930 contra André Gide 29
Pluviose ou Thermidor 35
A juventude franceza e a escola comunista 40
A offensiva contra Briand 46
A Liga das Nações e a ballada de Villou 50
O sr. André Thérive não é polido 54
O cinema e o livre espírito nas colonias 59
Os Estados Unidos da França, Alemanha, Belgica e Austria, ou a União Russo-Germanica 65
O Mexico, o “Journal des Debats” e os paizes da America Latina. 74
O “Bibliobus” 81
As negociações franco-sovieticas 85
A reacção, em França, contra as vaccinas preventivas 90
Reflexões sobre a doença do Imperio Britannico 97
O marinheiro britannico e a greve da Home Fleet 105
Lord d’Abernon. 110
A Allemanha e o seu Navio Fantasma 114
Hitler e o novo mappa da França 120
O s. o. s. do Reich e a Europa ansiosa 126
A correspondencia secreta de Bulow e Guilherme II 132
O archiduque sinistro 138
Ronald de Carvalho

A ronda de Staline 144
A fome da abundância, molestia do mundo 149
A technica administrativa e o Estado Moderno 154
O plano quinquennal. Os soviets na engranagem capitalista 158
O congresso da população em Roma e o futuro da Europa 163
O materialismo economico contra a civilização 164
A crise economica e o desapparecimento do Anschluss. 173
A racionallização, o syndicalismo e o individuo 178
O super-capitalismo bolchevista. 184
Decadencia da machina.
Resurreição do homem

I

N’insultons pas les morts” Foi assim que Pierre Bost concluiu o seu depoimento, no inquérito recente, que Robert Brasillach abriu e dirigiu, pelas columnas do Candide. Antes de iniciarmos uma análise rápida da nova expressão do pensamento francês, que surge com Marcel Arland, Jean Maxence, Daniel Rops, Jean Guéhenno, Emmanuel Berl, Pierre Bost, Aron, A. Dandieu, Malraux e Brasillach, parece-nos conveniente nomear alguns dos “mortos” celebres, que os jovens escriptores não querem “insultar” Os grandes cadaveres da literatura de após-guerra são os senhores Paul Morand, Jean Cocteau, Joseph Delteil, Blaise Cendrars, Breton, os dadaistas, os supra-realistas e todos os “faiseurs d’anges”, fabricantes de larvas,
embryões e homunculos allucinados, do typo de “Thomas l’Imposteur”

Os accusadores da geração de 1920, que produziu a chamada escola da “Nouvelle Revue Française”, caracterizada pelo inflaccionismo literário e pela industria da publicidade, esqueceram, entretanto, nas peças do seu ruidoso processo, de pesquisar alguns elementos essenciaes que esclarecem o problema, na sua estructura propriamente metaphysica e transcendente. Com excepção de Jean Maxence, em Positions, de Aron e Dandieu, em Décadence de la Nation Française, e de algumas observações agudas de Emmanuel Berl, em Mort de la Pensée Bourgeoise, os julgadores do litígio deixaram-se impressionar mais pelos phenomenos do que pelas causas. Até o sr. Marcel Arland, tão admirável na sua clara razão e tão fino em sua sensibilidade, não escapa ao reproche de haver limitado o seu exame ao quadro exterior da questão, sem embargo, naturalmente, dos valores de equilíbrio que o seu espírito introduziu no debate.

Para mim, o homem do após-guerra, seja elle Morand ou Cocteau, distingue-se pelo hor-

Em logar do homem, do semelhante que se prolonga em nós por um sem numero de raizes e affinidades, reponta o automato cruel, que a disciplina converte num residuo, num corpo dominado pelas reacções nervosas e musculares. Todos os sentidos desse corpo se reduzem, afinal, a uma concentração atenta dos

Eis ahi porque a psychologia da esthetica cerebral, do cyclo 1920-1930, depara uma constante indisfarçavel: a absorpção do homem pela machina. O filho da trincheira tem uma intimidade “natural” com a forma mecanica. Por isso, elle não adora a machina, a exemplo dos futuristas declamadores, que a consideravam exteriormente, e de longe, como simples substancia lyrica. Deante das Locomotivas, de Bloch, da Pacific, de Honnegger, do dynamis-
mo de Léger ou da imagetica vertiginosa dos aviões, de Cocteau, os manifestos de Marinetti, Boccioni e Carrá têm a significação histórica das imagens d'Epinal. São lampadas a álcool, queimando a sua chama pallida, dentro da claridade estridente de serpentinas de gaz Néon.

E aqui está, justamente, o vacuo modernista. O futurismo, sob varios aspectos, foi uma consequencia do experimentalismo positivista do seculo XIX. Dess'arte, exaltou a macchina, como a conquista da inteligencia sobre a materia. A macchina era uma esperança, o annuncio de um destino. Comte, Renan e Berthelot são os precursores de Marinetti.

O filho da trincheira, que viu morrer o mytho nietzscheano do heroe individual, no sacrificio quotidianno do heroismo obscuro, adaptou-se á imagem da macchina. Fez, insensivelmente, della, um fim. Integrou-se na sua lei. Afastou-se da sua realidade humana. Dispersou-se em categorias sensoriaes. Não negou o passado, como os futuristas, que o conociam. Desprezou o passado, porque o ignorava. Sua inserção aspera no actual, no con-
tingente, foi tão decisiva, que o espanto não permitiu o sofrimento, essa dôr de todo o sêr, que é a medida do universal.

A machina imprimiu à literatura modernista uma dimensão de superfície: a velocidade. Esse divisor commum determinou o aparecimento de uma esthetica puramente espacial. O furor de evasão, que, em Alain Fournier ou em Jacques Riviére, teria um grave accento pascaliano, porque seria uma fuga para os abysmos do proprio sêr, e, em Proust ou em Gide, uma inquietude temporal, incitou a geração de 1920 para grandes e successivos deslocamentos no espaço.

Nasceu, assim, uma literatura de dois planos, dominada pelo imperativo dos paralelos e dos meridianos. Todos querem repetir o desespero de Rimbaud. Todos se alimentam, mais ou menos, de “nourritures terrestres.” A inquietação de profundidade foi substituída pela inquietação da distancia. Esta ultima especie de inquietação é uma replica sem nobreza da primeira. Uma e outra se repellem. Sua coexistencia é rarissima. São Thomaz, por exemplo, é talvez o mais alto padrão da pri-
meira fórma. Nessa categoria estão Aristóteles, Dante, Santo Agostinho, o Pascal de Pensées.

A inquietação da distância, que impeliu o sr. Morand ao desespero do “Rien que la Terre”, é uma desagregação da personalidade. Ao revés de gravitar para o humano, e libertar-se do “ephemero”, o inquieto espacial sofre a contingência da matéria. Seu espírito fragmenta-se no jogo das aparências. E a obra que produz, exactamente como a da máquina, pode ser perfeita, na sua limitação, mas traz a marca de um organismo sem totalidade, incapaz de refugiar ao seu irremediável particularismo.

Moravagino, Lewis e Irène, Thomaz l’Imposteur, a Jeanne d’Arc, de Delteil, as aparências dos supra-realistas são desenhos topicos, sem substancia moral, são campeões do goso physico, movem-se num espaço fluido de aquario. A invenção, em toda essa literatura, é curta, resume-se em pequenas surpresas de superfície, em imagens que tangenciam o grande oceano do real, com a instantanea fulguração do peixe voador. A magia de toda essa crea-
ção falhada está na palavra, no texto gazoso e inconsistente. Compare-se, por exemplo, a esses jogos literários, a magia espiritual do Grand Maulnes, de Fournier, e ter-se-á a imediata diferencial.

O desprezo pelo humano, doença peculiar ao “filho da trincheira”, é a característica da geração de 1920. Como na lição cubista, em sua obra as criaturas se dissolvem num divertimento de cores e volumes plásticos. O quadro absorve o homem. Ao contrário dos primitivos, nutridos na riquíssima placenta medieval, esses “primários” desconfiam da inteligência e, pelo horror à construção, imposta pela ordem sobrenatural, decompõem a matéria phenomenal, indefinidamente. As raízes do “primitivismo” deformador mergulham no inconsciente, elevado ao mais alto potencial criador. No romance ou no poema do após-guerra, o homem passa a elemento decorativo. As coisas estão no primeiro plano, a natureza-morta predomina. Os valores humanos fazem longinqua a perspectiva.

A fallencia dessa estética de desespero, que perdeu a noção fundamental da unidade
do ser, e substituiu a alegria essencial da acquiescencia in se ipso pela somma crescente das velocidades, pelo primado da força, pelo movimento muscular, pela monotonia das superfícies espaciaes, é um índice do renascimento da Europa, desenganada, afinal, do gigantismo norte-americano. Seu organismo readapta-se às condições naturaes de desenvolvimento. A decadencia da machina é a resurreição do homem.

II

No “Le Citoyen contre les Pouvoirs” o subtilíssimo Alain, desde 1925, articulou uma definição da philosophia machinista, que seria, talvez, o fundamento do retorno ao humanismo essencial, cuja preoccupação norteia o espirito de liberdade no mundo contemporaneo. Todas as theorias de Waldo Frank, no “Novo Descobrimento da America”, deparam um desdobramento, entumescido, por vezes, de prophecias lyricas, um desenvolvimento impetuoso e colorido da reflexão linear do mestre francez. Alain accentuou, em um dos seus
“Propos”, que a machina despertara o appetite do poder, sem ser capaz de sacial-o. “Cher­chons le rendement, non la puissance”, aconselhava elle. A machina “restitue, apenas, o trabalho humano” Retirando um apólogi do arco de Ulysses, elle concluiu que, nessa arma, não havia uma virtude particular, inherente ao engenho. O arco retribuia o movimento do ar­cheiro. “C’est la force d’Ulysses qui lance la fléche”

Applicando esse theorema a qualquer ma­chinismo moderno, a turbina, o fuzil ou o dy­namo, observaremos a sua confirmação. A machina é uma somma de esforços. Os élos de uma engrenagem se prolongam numa série in­definida de actos, desde o do mineiro, que ar­rancou da jazida a materia prima, até o do operario, que dirige o instrumento fabricado por uma legião de mecanicos. Dahi, a conclu­são de Alain: “la machine ne restitue jamais que le travail musculaire, sans y rien ajouter”

Dahi, tambem, uma outra conclusão suscepti­vel de esclarecer um dos aspectos dramaticos da civilização, no seculo XX: o culto da velo­cidade é uma resultante do delirio crescente
de compensar o esforço do *homo faber* pelo rendimento, cada vez mais accelerado, da coisa fabricada.

Nesse pareo tragico, entre o humano e o mecanico, que gerou a “racionalização”, o “padrónismo”, as seriações do estatismo marxista, o ser perdeu a sua finalidade natural. Seu destino inscreve-se no artificio de uma ficha. Seu objectivo é o maior rendimento, no menor tempo. O homem não dura, não persiste em si mesmo, mas repete a lição do mecanismo: move-se no espaço.

No centro mais agudo e sensivel desse dilemma, a geração de 1930 tomou uma posição salvadora: a procura do humano. Veremos, adeante, em synthese, o que affirmam os soldados da cruzada contra a machina, como expressão total e absorvente de uma civilização que se dissolve.

**O Depoimento de Marcel Arland**

Marcel Arland, o autor de “L’Ordre” e dos recentes “Essais Critiques”, ultrapassou apenas os trinta annos. E’ um dos chefes mais

“E’ profundamente triste considerar o que os exploradores fizeram da palavra “inquietação” Trata-se de um vocabulo simples, real, que não é mais ridículo do que tranquilidade, amor ou sympathia. E eu não posso mais ouvil-o, sem ter vontade de ranger os dentes. Abusou-se dessa pobre “inquietação” extraordinariamente, collocando-a em logares insuspeitaveis. Vale accentuar, entretanto, a sua razão de ser. Antes de ser um thema literario, ella foi uma realidade.

“Deve-se perdoar, comtudo, a esses inquietos profissionaes. Quando um jovem che
Caderno de Imagens da Europa

ga a Paris e quer escrever, procura saber, desde logo, de que lado sopra o vento. Vendo todos “inquietos” ao seu redor, exclama: Sejamos inquietos. E escrevia, tão bem como qualquer outro, seu pequeno romance autobiográfico, situado nos confins do sonho e da loucura.”

Arland sorri dos “industriaes mais ou menos habeis”, como o sr. Morand, que elle nem cita, e o sr. Delteil, que lhe parece um fantasma, “dont plus personne exactement ne parle aujourd’hui” Gide o desaponta. Mas pondera: “Gide foi a nossa libertação” Drieu de La Rochelle, que “tanto promettera”, está acabado. Mauriac e Montherland “resistem” Resumindo, afinal, as suas declarações sobre a literatura do após-guerra, cujo gosto do desequilíbrio elle reprova, com dura malicia, affirma:

“O após-guerra foi o desequilíbrio, a principio real, lastimável, depois explorado. Tudo isso acabou, e eu espero uma volta ao equilíbrio. Mas o equilíbrio pôde ser atingido facilmente? De nada estamos seguros, a esse res-
peito. Resta-nos aguardal-o e trabalhar por elle, tanto quanto nos fôr possivel”

O Depoimento de Jean Maxence

Jean Maxence tem menos de 25 annos. É uma grande consciencia christã. Seu livro “Positions” colloca-o entre os mais fortes espíritos especulativos da sua época. Sua analyse do “Valor da Inquietação”, do anarchismo bergsoniano e da “Necessidade de um Dogmatismo” descobre um novo ardor Thomista. Maxence quer construir no real. Por isso, combate violentamente a mystica natural das philosophias orientaes, o idealismo espektacular de Keyserling, o sensorialismo de Benda, o ontologismo spinozista, o creacionismo permanente da “Evolução” bergsonista. A necessidade do “conhecimento” impelle-o á critica impiedosa do dualismo protestante, que separa a consciencia da Creação. O appello de Luther — “Deixa a vida ser terra e a doutrina céo”, afigura-se-lhe, com razão, um incitamento a “todas as covardias espirituaes”
A tragedia da esthetica do após-guerra está, segundo elle, no “desconhecimento” do sêr e do seu destino. “A ignorancia atrae a inquietacao e o erro atrae a saciedade. O conhecimento commande a vida. “Licencier le probleme”, (como recommenda Paul Valery, “Variété”, pag. 120) é loucura, pois equivale a crer que podemos escapar á unidade interior do homem, mais forte do que todos os sistemas, e que sempre se vinga! Kant arrasta Gide, e Gide arrasta André Breton; e este inspira o suicidio de Jacques Vaché. Não é uma legenda grega, mas a historia contemporanea, sellada com sangue. O nihilismo leva á inquietacao, ao desespero e até á morte”

Maxence percebeu, admiravelmente, que a esthetica do desespero era uma contradicção da inteligencia e a sua dilaceração no plano do inconsciente. “L’intelligence résout tout en l’Être et tout être crée se résout en une pensée de l’Absolu” A lição Thomista deu-lhe a chave do problema contemporaneo, dominado pelo “relativismo das formulas mecanicas”

“Não se pôde negar, escreve elle, que alguma coisa acabou. Estabeleceu-se uma ru-
ptura. Aquillo que parecia representar doze annos de nossa vida, mergulha na historia. Cocteau, Morand, Drieu parecem-nos, hoje, sombras de 1890. Os unicos veteranos que nos interessam, agora, são os rarios que escaparam á atmosphera da guerra: Arland, por exemplo, e, sob certos aspectos, Malraux.

"Póde-se, portanto, julgar sem paixão esse periodo extincto. Ha um perfeito accordo, nesse particular, entre espíritos tão diversos como os de Jean Guehenno, Henri Massis, Marcel Arland, Benjamin Cremieux. O que caracteriza essa época desapparecida é o gesto. É um periodo de attitudes. Gesto dado, gesto suprarealista, gesto da introspecção, gesto nêothomista, eis o balanço. Porque é mistér considerar o que o famoso espírito de "inquietude" continha, em verdade, de snobismo.

"A attitude, a "muflerie", é o caracter essencial do após-guerra. Mauriac chamou, uma vez, a geração do após-guerra, "la génération du mufle". A "muflerie" não é a violencia: Bernanos é violento, mas não é "mufle" Cocteau é doce e, quasi sempre, é "mufle" E uma affirmação cynica de si mesmo, em pre-
juízo de todas as finalidades. Foi o cynismo agressivo, é preciso não dissimular, que levou muitos jovens a tomar Gide por mestre. Muito mais do que a inquietação! Faz-se necessário que tudo isso finde. O público começa, aliás, a verificar que se divertiram à sua custa, e se manifesta do modo mais simples, não comprando mais livros. Fala-se da crise do livro? Mas tanto melhor! E’ um benefício essa crise do livro! Não se escreve para vender livros, como se venderia macarrão, com os mesmos processos de lançamento, os mesmos cartazes, os mesmos desenhistas, e os mesmos consumidores”!

Jean Maxence defende o espírito de construção, a meditação, a cultura, a technica interior, a inteligencia, na obra de arte. A confusão é infecunda. A criação é uma arquitectura. A indecisão, o estado fluido e amorpho secretam apenas imagens elementares e inorganicas.

E’ preciso não mentir a si mesmo. Ha, entre nós, certo numero de jovens, que são “falsos jovens” Ainda ha quem procure retirar velhos barcos do fundo d’água. Quando leio,
n’alguma revista de vanguarda, que se pretende realista: “é necessário, antes do mais, fazer taboa rasa”, — sacudo os hombros. Quando se diz que estamos ante um mundo demolido, sem o soccorro de uma cultura e de uma tradição, não, não e não! São carapetões de após-guerra. Nascemos de uma certa raça e de um certo paiz: nossas experiências são o prosegui-mento de experiências anteriores. Não devemos romper as cadeias de fidelidade. Queremos e devemos reencontrar nossa alma profunda. Nenhuma revolução espiritual terá efficacia, se não aceitar por divisa a palavra de Psychari: tomar o partido de seus paes, contra seu pae. Quer dizer que é preciso atingir a mais authentica tradição, restaurar os valores espirituais que o mundo moderno ataca e envilece, a cada instante. Alguns nos falam, ainda, do primado economico e da organização do grupo moderno. Mas é necessário, antes, entender-se sobre o homem, para depois entender-se sobre o Estado. Ora, se a organização muda, o homem muda muito? Devemos, em primeiro lo-gar, encontrar, de novo, a physionomia do homem eterno”
Outros Depoimentos

Marcel Arland e Jean Maxence situaram o problema nos seus limites primordiais. Mas, ha outras vozes, que merecem atenção. Jean Paulhan, por exemplo, não acredita no significado do após-guerra. A geração de 1920 desenvolveu, simplesmente, algumas proposições que, em 1913, já estavam em Proust, em Gide, em Claudel, em Max Jacob.

Pierre Bost, que procurou julgar, no seu romance “Le Scandale”, o ambiente nascido da trincheira, contorna a questão, e exclama: Para que desenterrar os cadáveres? “N’insultons pas les morts” Bost reconhece, na geração de 1920, um valor de experiencia que inspira o respeito piedoso.

Daniel-Rops proclama: “Os unicos valores perduráveis são os produzidos antes da guerra. Depois, não ha quasi nada” Guehenno boceja, quando lhe falam da “inquietação” Emmanuel Berl considera as diferentes formas de renovação e de libertação, entre as quais o dadaísmo, o supra-realismo freudista,
como frutos da “confusão da ideia de romantismo com a ideia de revolução”. Devemos favorecer, “nas actuaes condições deploráveis do mundo moderno”, o aparecimento de “individuos sufficientemente fortes para agir e para pensar” Malraux, por seu lado, reproduz, nos “Conquérants”, aquella ansia de heroismo inconformista, que levou Psichari ás florestas da Africa, a uma disciplina de acção, ao dom gratuito de si mesmo.

André Berge, critico da revista “Nôtre Temps”, que agrupa escriptores, entre vinte e vinte e cinco annos, atribue a decadencia do espirito humanista, em Franca, e no resto do mundo, ao “primado da technica”. Desde antes da guerra, “já era facil verificar que, nos lyceus, os alunos das classes scientificas se haviam multiplicado, em opposição aos das classes de letras, em numero cada vez menor. As grandes escolas do Estado, machinas de fabricar engenheiros, constituiam, desde então, o objectivo mais alto de todas as familias burguezas”. A “escolha da carreira” transformava-se, dess’arte, numa imposição dos proprios quadros organicos das sociedades. O fim
do desenvolvimento espiritual não era a formação de um caráter, de um cidadão, capaz de servir o Estado, mas se concentrava nas vantagens práticas e imediatas da profissão. Referindo-se ao recente manifesto, “pela liberdade do Sêr”, assignado pelos srs. Felippe Lamour, Joe Bousquet e Carlo Suares, conclue, em summa, André Berge: “Uma necessidade constructiva faz-se, geralmente, sentir nas novas gerações”

O sr. Robert Brasillach, finalmente, procedendo a um balanço geral dos valores do após-guerra, chega ao seguinte resultado: “O que nos parece evidente é que, durante doze anos, muitos escritores manifestaram o propósito de “fugir ao homem” Elles fugiram, na viagem, com o sr. Morand, nos bares e nas farras, com os supra-realistas, nos “cabarets” com o sr. Cocteau, na droga, com o sr. Drieu de La Rochelle, ou, então, seguiram o sr. Benda, no país da abstracção, onde os “clercs ne trahissent pas” As tentativas mais commoventes de hoje, mesmo falseadas, mesmo desviadas, fazem-se para encontrar o homem. En-
contrando-se o homem, achar-se-á, sempre, aquillo que o ultrapassa".

Ha, em face de todo esse inquerito, um fenômeno impressionante: a geração do após-guerra está morrendo sem reagir. A única flecha foi a do sr. Delteil, nas "Nouvelles Littéraires". Mas perdeu-se no ar, por falta de alvo. O sr. Delteil, como o inglez da sua "Jeanne D'Arc", suprimiu os endereços, com receio, talvez, de "queimar algum santo".
A classe de 1930 contra
André Gide

A juventude moderna revela, na Europa latina, uma impaciência muito maior que a da geração romântica. Chateaubriand não desprezava Rousseau. E Musset cantou Byron: “Lorsque le grand Byron allait quitter Ravenne...” Os jovens de hoje têm os cotovelos inquietos. E gostam de usá-los frequentemente, mal despem as faixas da adolescência. Antigamente, no remoto século que findou em 1914, com a fuga de Hohenzollern e os vestidos enturados, com os automóveis que imitavam os fiacres e os fiacres do conde de Montesquieu, o passado apresentava a imagem de um sólido bloco resistente, no qual os espíritos bicheiros costumavam escolher a fresta de algum interstício menos escondido, para, pouco e pouco, destruir um pedaço de argamassa e abrir uma janella. A realeza
de Victor Hugo, que durou cincoenta annos, não duraria, agora, uma década. Os Bainville do tempo da Exposição Colonial e dos Auburn de 90 cavallos não diriam, nas suas balladas, que “le grand-pére est lábas dans l'île” Acabou-se a éra patriarchal dos avós literarios. Não só as edições se esgotam depressa. Os nomes, também.

Nada mais significativo, a esse respeito, do que uma visita ás grandes livrarias de Paris. Antes da guerra, as salas de recepção dos livreiros do Boulevard estavam cheias de uma antiga sociedade polida e illustre, vestida de pergaminhos, velludos e couros raros. Às vezes, o capricho do arrumador se divertia até em reunir, numa intimidade de fantasmas espantados, o frondeur Cardeal de Retz e o legitimista Saint-Simon, Voltaire e Chapelain, o Lutrin, de Boileau, e os Contos, de Perrault. E, sem malícia nem odio, a vizinhança era tranquilla entre os Sermões, de Bossuet, e as Historietas, de Tallemant de Réaux. Os usos da antiga França mantinham-se intactos. Como em Versalhes ou no Palais Royal, ces messieurs de la cour sorriam e apertavam-se as
mãos, ciosos de tradições de inimizade, datando das Cruzadas. Os espadins dos tataranetos freiam nas bainhas de seda, orgulhosos dos golpes trocados pelos espadagões dos tataravós, em São João d’Acre ou em Jerusalém.

Mas onde se metteu, hoje, toda essa bôa companhia? As salas de visitas são para outros convidados. Onde estão os irmãos Goncourt, e Mr. Renan e Mr. Michelet, tão amigo de compridas conversas fiadas, e Mr. Victor Cousin, que fazia tão bonitos discursos, e Mr. Taine, com a sua tão sympathica myopia, e Mr. Thiers, que poderia construir com os seus livros, pesados e compactos como tijolos, uma casa para o Consulado e o Imperio? Onde está aquelle Mr. Gerôme Coignard, que se regalava com os frangos assados do pequeno Jacques Vira-Espeto, e sabia misturar, com suprema elegancia, todos os subtis logares comuns da perversidade?

“Mais oú sont les neiges d’antan?”

Restam, em verdade, alguns teimosos, que insistem em conservar as suas rabonas e os seus colletes coloridos, os seus punhos de renda e os seus sapatos com fivelas de pechisbe-

A geração de 1914, ou melhor, os seus remanescentes, os sobejos da guerra, despediram Anatole France com todos os seus adherentes e toda a sua collecção de bonecos sabios. Os elephantes parnasianos, por um processo trazido da Africa pelo sr. Blaise Cendrars, depois de reduzidos a mumias de alguns centimetros, foram colocados nas vitrinas seculo XVIII do senhor Henri de Regnier.

A geração 1914, faminta de nourritures terrestres, quiz a disciplina do sr. André Gide.
Mas a geração de 1930 já está à porta, reclamando passagem. E o sr. André Gide começa a pagar o privilegio de se encontrar justamente na entrada. Sua famosa teoria da inquietação, que se espalhou até aos mais longínquos rinções dos barbaros, é um cartaz a pique de ser rasgado. Nous ne sommes pas inquiets, gritam, da rua, os recém-chegados. O classicismo do sr. André Gide é aparência pura, ilusão de letrado pedante. Sua inquietude pode exercer influência sobre uma geração enojada ante o espectáculo de corrupção e de mediocridade, oferecido pelos que representavam oficialmente a ordem estabelecida.

"Sua verdadeira physionomia, proclama, na Pensée Nationale, o sr. Gérin-Ricard, chefe de uma legião que aparece, — sua physionomia, onde repontam os traços de Luthero, Rousseau e Dostoiewski, surgiu desde logo, mostrando tudo quanto havia de imitação servil e de conformismo na sua prédica de dilettante e de artista. Sua obra desaponta pela ausência de originalidade, pela falta, justamente, daquella novidade que a juventude, a principio, ia buscar nella. Essa obra repelle
a própria essência do genio francez. Nós não acreditamos mais no sr. André Gide”

Longe de mim, (já irremediavel passadista do tempo do cubismo, de Marie Laurencin, de Léger e de Cocteau) longe de mim aceitar essa triste sentença da geração de 1930. A teoria da inquietação, dos Pretextes, que provocou o livro saboroso de Daniel Rops, nunca me seduziu pela novidade. O modesto frisson nouveau, de Sainte Beuve, a proposito de Baudelaire, continha já toda a sua substancia metaphysica. Mas ha, em Gide, um lyrismo, talvez judeu, (por isso mesmo refractario á razão franceza) que me parece um dom de eternidade. Esse lyrismo é a força humana que permanecerá, na obra de André Gide, mão grado o seu protestantismo e a sua paixão geometrica.

Entretanto, assalta-me, em face de tudo isso, uma reflexão angustiosa. Onde está a nossa geração de 1930? Não seria preferivel que a nossa fé literaria fosse menos inabalavel e menos fetichista? Na França, já se não acredita em André Gide. No Brasil, ainda morremos pelos Direitos do Homem e pelas redondilhas de Sá de Miranda.
Pluviose ou Thermidor

Toda a França é um jardim sob a chuva. Nos Vosges cai neve. O Mosa carrega, entre as pesadas barcaças, atulhadas de tulipas flamengas, uma paina ligeira de gelo. As catedrais da Ilha-de-França enfiam torres, agulhas e pináculos numa gaze frouxa de brumas. Os lagares da Turena, do Poitú, da Auvernha, do Berry e do Anjú aguardam a “purê de setembro”, sem o sorriso do céu de Rabelais.

Sobre a uva da Champanha o orvalho nocturno borda rendas de cristal. As pegas, os melros e os pardais seguem as andorinhas e vãem, em villegiatura, pendurar os ninhos em Marselha, em Nîmes e Montpellier. As perdizes tiritam de frio, na Provença e no Languedoc. As lebres ficam nas tocas e os homens em casa, ao pé das lareiras acasas.
Estamos em pleno verão. Mas, se os revolucionarios ressuscitassem, que nome poriam a este molhado estio? Thermidor ou Pluviose? Paris é todo um som melancólico d'água. Água que escorre do espaço em cordas grossas, que jorra das bocarras das gargulas, salta das calhas sobre as calçadas, em redemoinhos espumosos, empapa e corrompe o verde-cinza das folhagens, embacia os ardentes vitraes do velho tempo e espevita um lume de indizível raiva no olho vivo das meninas de França.

No castello da condessa de C. T., amiga de Proust, e um pouco Madame de Guermantes, pela maternal indulgência com que recebe os seus hospedes, pela subtileza com que fixa, de modo distraído, o caracter de uma raça no retrato de um embaixador, todos os convidados estão a postos, para uma partida de caça.

Quem nunca viu, em dia assim, um desses taciturnos solares de Oise, não poderá jamais compreender a finura do instincto aristocratico da “ancienne France” O castello não é grande, no sentido moderno dessa expressão architectonica. E' um pavilhão de caça, construido no século XV, e ligeiramente retocado
pela fantasia rocalhesca de um duque, celebre na chronica amorosa da Regencia. Mas as vuo-
lutas e os anjinhos, da época da princeza de
Polignac, as “bergéres” para as silenciosas in-
timidades, as mesas de pés caprinos, os painéis
de curvas lascivas e torturadas, com meda-
lhões de Lancret, não conseguem, apesar dos
seus chromatismos de ouro, azul e carmezim,
predominar sobre os couros sombrios e a car-
rancuda toreutica dos Henriques, de Francis-
co I e de Luiz XIII.

Madame de C. T. ainda se encontra nos
seus aposentos, na ala esquerda do “seu ma-
noir” A sala em que estamos, com as suas
altas janellas de pesadas grades, dá sobre o
largo pateo quadrangular. Emquanto gentis-
homens e diplomatas se extasiam diante de al-
gumas preciosidades, — um retrato de antep-
passado, feito por Felippe de Champaigne,
uma pequena estante com um livro de horas
de Margarida de Navarra, uma tapeçaria im-
mensa, de Tournai, representando a cerimo-
nia da coroação de um rei de França — eu me
extasio com os meus parceiros.
Madame de Guermantes, na irremediável ausência do seu caro Swann, continua a coleccionar exemplares humanos. A sua maravilhosa sala, onde Lauzun flirtou Mademoiselle de Montpensier, depara, nesse momento, a macula de uma assembléia internacional do século XX. O simile de um Congresso de Viena seria demasiado literário e, sobretudo, artificial, embora a moldura pedisse o modelo. Os austeros appellidos eram, ali, raros e de raro quilate. Mas não chegariam, “hélas”, para compor o quadro de 1815, que foi a última reunião da nobreza diplomática, e onde se poderia fazer, pela concorrência dos brazões armilares, um curso completo de nobiliarchia européia. Para despertar-me desse nevoeiro de lembranças, estavam presentes dois hispano-americanos, com as suas agrestes exclamações, e um nippon, grã-cruz da legião de honra, que olhava desdenhoso um fino punhal, de cabo marchetado, incapaz de realizar um honrado “harakiri”.

No pateo, os palafreneiros seguravam os cavallos nervosos. Sobre o aço oleoso das espingardas, escorria o miúdo chovisco matinal.
Quando a castellã, com os seus milagrosos cin-coenta annos juvenis, entrou na sala, meu co-ração tropical batia apressado. Será que a vi-da reproduz, por inexplicável capricho, certas gravuras de novella romantica? Um vinho do Porto, bem secco, e o soar das trompas, carre-garam-me, de súbito, para as doçuras do “bon vieux temps” Minha imaginação, de repente, suprimira o radio, o avião e o arranha-céo. Senti-me, nesse instante, uma categoria pura do espaço. O tempo desapparecera. Iriamos encontrar, porventura, na volta do caminho, o chapéo de velludo de Richelieu?
A juventude franceza e a escola communista

Todos se recordam da frase famosa que, depois de 1870, atravessou as fronteiras da Alemanha e irradiou pelo mundo: quem venceu a guerra franco-prussiana foi o mestre-escola. Todo o esforço do velho Moltke, toda a manha ardilosa de Bismarck seriam de pouco effeito, se, nas pequenas aldeias do Reno, da Baviera e da Pomerania, não houvesse um collegio publico e, nesse collegio, um professor de patriotismo.

Pois bem, o observador da sociedade actual, que intentar o exame sereno da inquietação moderna, da tortura e do desespero do homem contemporaneo, com as suas lutas de governos e de classes, a sua irremediavel fome de ouro e de prazer, irá encontrar, sem duvida, no mecanismo da escola, a causa profunda, a causa principal do perverso immoralismo
dos nossos dias. A democracia, filha da Revolução, pupila preferida do falso prejuízo do século XVIII, criou e alimentou o peor dos monstros: a escola sem Deus. Proveio desta o liberalismo pacifista e humanitário que, para libertar a inteligência do pesadelo divino, inventou o culto da sciencia, a oração do racionalismo secco e impiedoso, erigiu altares á machina e substituiu as leis da consciencia pelo primado das forças economicas. O postulado pragmatista foi, dess’arte, a cupula dessa triste metaphysicsa de exasperado agnosticismo. Deus existe, disse William James, porque é util.

Equiparando a idéa de Deus a um simples valor, o pragmatismo reduziu a mais alta categoria do absoluto a um puro conceito de relatividade. A idéa de Deus, base e substracto da civilização christã, transformou-se, pois, num objecto de troca, numa utilidade. Perdeu o seu caracter de qualidade, para converter-se em mera quantidade, sujeita ás variações dos titulos da Bolsa. E, como era natural, a sua cotação, desde um seculo, tem baixado a niveis cada vez mais infimos. Dos republicanos radi-
caes aos sociaes-democratas e aos marxistas da Russia, a idéa de Deus passou por todas as formulas da tolerancia, do scepticismo, da indifferença até chegar ás do repudio total e massíco.

A França, já experimentada por tantas décadas de laicismo delirante, principia a sofrer, agora, justamente no instante em que mais necessitaria de ordem e de disciplina consciente, os resultados espantosos das suas escolas sem Deus. Contam os jornaes conservadores de Paris, tão culpados aliás, como demonstrou Georges Bernanos em “La Grande Peur des Bien-Pensants”, da intoxicação scientificista, que, em varios collegios francezes, a educação deixou de ser apenas “uma educação”, para ser uma “educação communista”.

Os professores do Hérault, por exemplo, inventaram, “ad usum delphini”, uma nova arithmetica, digna de ser considerada como um curso de introducção á sociologia moderna. “Pretendendo — affirma o “Boletim da Federação dos Syndicatos Unitarios do Ensino” — accentuar a desegualdade social”, os mestres do Hérault introduziram novos methodos,
quanto aos problemas de arithmetica. Segundo elles, "taes exercícios são facilmente compreendidos, estão no alcance das creanças e põem em evidencia — com o necessário cuidado de quem se dirige a jovens cerebros — a maior parte dos problemas da vida"

Eis aqui alguns enunciados dessa nova e curiosa "arithmetica social":

"Um proprietário perdeu 24.000 francos na roleta do Kursaal de Séte, durante as suas férias annuaes. Sabendo-se que esse proprietário paga cinco operários trabalhando, aproximadamente, 250 dias por anno, á razão de 24 francos por dia, a quanto poderia elevar-se o preço do dia do operário com essa renda assim malbaratada?"

"Um proprietário vende a sua colheita de 1.500 hectolitros de vinho a 180 francos o hectolitro. Elle emprega seis operários ganhando, cada qual, 6.500 francos por anno. A forragem dos cavallos custa 12.000 francos, a acquisição de estrume, sulfato, enxofre, as despezas de impostos e de outra qualquer natureza elevam-se a 20.000 francos, e o trabalho das vindimas a 10.000 francos. Pergunta-se:
1.º) o lucro annual desse burguez sobre o suor dos seus operários; 2.º) o numero de filhos de proletários que poderiam — com esse lucro — ser enviados a uma colonia de férias, sabendo-se que a despeza, com cada um, sóbe a 500 francos”

“Ha sete directores de grandes ferrovias, cujos emolumentos atingem, “per capita”, 500.000 francos por anno e 1.100 directores altamente collocados que recebem, cada qual, 100.000 francos. Sabendo-se que existem 20.000 operarios que começam a trabalhar com o ordenado de 8.000 francos, pergunta-se qual seria o seu salario inicial se fossem suprimidos todos aquelles parasitas”

Se os professores communistas conhecem melhor a tragedia provocada, na Russia, pelo plano Quinquennal, ou se quizessem aproveitar todas as faces dos dados com que jogam, poderiam propôr aos discípulos alguns problemas tambem muito interessantes. Por exemplo, o seguinte:

“Cada soldado do exercito vermelho, para garantir as especulações de Staline, os prazeres do G.P.U. e a insidiosa propaganda con-
tra a cultura occidental, ganha três mil rublos por mez. Sabendo-se que o exercito bolchevista conta um milhão e meio de soldados, e que ha, na Russia, cento e vinte milhões de operários e camponezes, recebendo dez rublos por mez, pergunta-se quantos rublos seriam necessarios para libertar o proletariado sovietico da fome e da escravidão

A mathematica tambem conhece a honradez. A arithmetica tem a sua moral.
Quando se observa a rapidez com que os homens públicos se gastam, na Europa, não se pôde esconder um fino e penetrante sentimento de melancolia. Hontem, foi Lloyd George, na Inglaterra, e foram Trotsky, na Rússia; Rathenau, na Alemanha; Nitti, na Italia; Primo de Rivera, na Hespanha... Hontem, foi o velho Clemenceau, na França, apesar das suas garras de tigre, afiadas em tantos combates, daquellas suas garras escondidas nas famosas luvas cinzentas, que eram o terror dos gabinetes ministeriaes.

Em nossa America, os “teams” políticos são mais constantes nas lutas do primeiro plano. As reservas são pouco numerosas. No Brasil, pelo menos, antes da Revolução, era mister envelhecer nas archibancadas para, afinal, entrar no jogo. O aprendizado theori-
co da platéa prolongava-se, por vezes demaisadamente. E o resultado era, naturalmente, pessimo para os negocios do Estado.

Difficultava-se, dess'arte, a formação de um escól, onde se pudesse encontrar, com facilidade, um contingente de homens capazes de dirigir e orientar o paiz. Os quadros estreitos da clientella politica não permittiam a organização dos partidos, a batalha das idéias, o desenvolvimento dos programas, livres de influencias interesseiras. O poder confiava-se, por dezenas de annos, a um reduzido nucleo de individuos que, ao cabo de algum tempo, se convertiam em capatazes truculentos. Os exemplos, entre nós, e no resto da America hespanhola, são bastante vivos para merecerem particular referencia.

Na Europa, entretanto, principalmente depois da guerra, o phenomeno politico é bem diverso. A riqueza dos paizes do velho mundo reside, justamente, nas numerosas elites que, a cada momento, se renovam no governo, facilizando os debates parlamentares, mercê das interpellações na tribuna das camaras, e das
polemicas largas e violentas, na imprensa partidaria.

Na França, na Alemanha, na Grã-Bretanha a popularidade não exclui a critica apaixonada. A popularidade, mesmo quando conquistada por serviços extraordinarios, não é escudo suficiente para evitar os golpes da fortuna politica. Os chefes de maior prestigio têm que dar contas dos seus actos e, não raro, perdem o mandato supremo, para entrarem novamente nas fileiras humildes da obediencia e da disciplina.

Briand, neste momento, experimenta os effeitos produzidos pelo exercicio de um longo mandato, sobre a opiniao fatigada de o ver na direcção dos negocios estrangeiros. A proposta Hoover foi a gota que fez extravasar o copo cheio das aguas tumultuosas da paridade naval franco-italiana, do plano Young e do accordo austro-alemão. De todos os lados se levantam, contra o Quai D'Orsay, vozes de protesto e de revolta. Coty, no “Figaro”, Maurras, na “Action Française”, Franklin Bouillon e dezenas de outros, na Câmara e no Senado, despejam todas as armas dos seus arse-
naes contra o subtil chancellor de França. E, cousa mais séria, a grande maioria do povo francez murmura contra o velho ministro.

Briand é um finíssimo equilibrista. Mas, em verdade, faz-se necessário accentuar que o seu jogo já está visto e revisto. Deante das dificuldades crescentes que assoberbam os francezes, mesmo se de condição média, não pôde prevêr até onde chegará o desespero da situação actual. A vida, hoje, em Paris e nas grandes cidades da França, atinge preços cada vez mais excessivos. E, ao revés de outr'ora, não é sómente o estrangeiro que paga, para custear, em alta percentagem, a subsistência dos pequenos burguezes e proletarios. E' tambem o nacional, agora mais do que nunca, em virtude do exodo dos turistas, forçados a permanecerem nos seus paizes, mercê da crise universal.

Briand venceu, nas justas parlamentares. Mas os tempos se escurcem. O fio em que elle se equilibra, dentro das nuvens grossas da tempestade, já quasi não se enxerga mais. Briand terá, porventura, o privilegio de atravessar a zona escura da tormenta sem cair?...
A Liga das Nações e a ballada de Villon...

A Liga das Nações, que Deus haja, nasceu como aquellas princezas de olhos azues, cabellos de ouro e dentes de perolas dos contos de Perrault. Ao redor do seu berço, embalado pela onda tranquilla do Lemano, sob o do­cel das montanhas cobertas de pinhaes e das geleiras irisadas pelo sol puro dos Alpes, re­uniram-se todas as fadas amaveis da esperança. A esperança da paz, com o seu ramo de oliveira, a esperança da fortuna, com a sua cornucopia de inesgotaveis thesouros, a espe­rança do trabalho fecundo, com o seu caduceu e os seus pesinhos aligeros, em summa, todas as deusas da promessa acorreram solicitas, pa­ra dansar uma ronda primaveril em torno dessa pulcra “Belle aux bois dormant. ”

Mas, como sempre, surgiu a fada má. A que não fôra convidada para o festim do ba-
ptisado. E a fada má lançou, no meio do bro-dio, o seu sinistro sortilegio. Para que a prin-cezinha gentil crescesse e falasse, para que elle se libertasse das faixas que lhe prendiam o corpo gentil num rôlo de gases fôfas, seria mistér que um Príncipe louro lhe quebrasse o encanto e destruísse o amavio fatal.

Outros, pomares. Outros, estepas. E, cada qual, com as suas multiplas e diferentes artes, procurou quebrar o mysterio de um somno profundo, de um irresistivel somno.

Mas a princezinha não acordou. O acalanto das aguas murmuras de Genebra continuou a exercer a fascinacao do seu filtro subtil. E os Reis começaram novas batalhas. O dinheiro, que attestava as arcas da paz, entrou a derramar-se, a insinuar-se, cada vez mais, pelos orçamentos bellicos. Os aeroplanos, de subito, perderam a plumagem dos pombos-correios para se converterem, no espaço carregado, em grandes aves de rapina. As bahias se encheram de canhões, convezes e cintas couraçadas. Os meandros submarinos viram enormes peixes de ferro circular, pesadamente, pelos bancos de coraes e madréporas multicores. As usinas principiaram a preparar, entre as cápsulas e as empolas sedativas, todas as combinações de chimica mortifera. E o jogo desesperado das Bolsas e dos Bancos iniciou as suas terriveis operações de artificios e manhas universaes.
Deante das ameaças, sempre crescentes, os Príncipes se reuniram. E foram a Londres, a Paris, a Washington, a Roma e a Berlim, para vêr se encontravam a formula necessária para conjurar os perigos. Mas a princesinha não acordou. E, no seu berço tepido, parece sorrir de beatitude, como quem espera a doce libertação da morte, como quem não deseja mais despertar. Ah! se a princesinha pudesse falar, certamente perguntaria aos seus namorados ruivos, louros, morenos e amarelos, recordando o tempo das promessas felizes, tal como Villon melancolico:

“Mais oú sont les neiges d’antan?”

Onde estão as fadas da esperança?
O sr. André Thérive não é polido...

O sr. Francis de Croisset tem receio das febres do Brasil

O sr. André Thérive é o crítico literário de “Le Temps”. Seu nome, que aparece, regularmente, no jornal de maior autoridade da França, é acatado, não só pelos milhões de leitores parisienses e da província, mas por toda a opinião conservadora dos círculos intelectuaes da Europa. O sr. Thérive é um az. Ahí, no Brasil, onde se cultiva um certo metequequismo literário de cór franceza, não se desconhece porventura a fama e os livros desse escriptor illustre. Quanto poeta ou romancista nosso já roeu melancolicamente as unhas, pensando no golpe da fortuna que o revelasse, de subito, nalgum folhetim grave do “Le Temps”, para o espanto malicioso dos “bien pensants” dessa numerosa cohorte de burguezes fidalgos, cujos commentarios descerram a porta da celebridade e cujo espírito primario provoca o
chuveiro de fléchas da ira de Georges Bernanos!

Pois, queridos patrícios e confrades, os brasileiros não devemos esperar o elogio consagrador do mestre Thérive. Esse homem refinou aquelle sentimento de subtil desprezo, de infinita sufficiencia, que Chesterton vislumbrou no “charme” parisiense, em face do estrangeiro. Seguro da sua infinita superioridade, com a singularidade rara de algumas exceções, o francez não acredita na intelligença alheia. Talvez seja uma idiosyncrasia. Mas é um facto, cuja observação quotidiana passou ao domínio do logar commum.

Basta consultar, para illustração do asser to, qualquer um desses compêndios de lições de cousas, qualquer uma dessas pequenas encyclopedias escolares, de cultura franceza, para se concluir que o engenho francez descobriu tudo: a pólvora, o vapor, a electricidade, a aviação e o Brasil. Pois o sr. Charles Richet, numa obra de vasta divulgação e de synthese erudita, não affirmou que os armadores da Bretanha tinham sido os precursores da éra dos descobrimentos, e se esqueceu de citar, en-
tre os pioneiros da aviação, o nome de Santos Dumont?


sr. de Croisset não traga nem um livro. Em caso de duvida, estimariamos que um desses amaveis resfriamentos cariocas tirasse ao dramaturgo itinerante a vontade de escrever. Pe-lo menos, de escrever sobre nós.

O outro exemplo de perigosa condescendencia, que apontamos, offereceu-nos o sr. André Thérive, justamente no seu folhetim do "Le Temps" Occupando-se da "invasão negra", na França, accrescida, neste momento, pelas grandes levas de africanos que revôam, como mariposas tontas, ao redor dos holophotes e dos pharóes da "Exposição Colonial", o criticô se arrepia de horror. Não nos cumpre discutir as preferencias de pelle ou de raça do sr. Thérive. Mas, sob o aspecto decorativo, garantimos-lhe que elle perdeu um bello espectaculo, nas grandes corridas de Longchamps. Elle poderia apreciar, ao lado de algumas condessas legitimistas, como estavam elegantes, com os seus tocados de plumas, os seus mantos bordados de pedrarias, e sorrindo nos seus dentes de marfim purissimo, os grandes chefes do imperio colonial de França.
E o Sr. Thérive poderia, se não soffresse a influência exasperada do seu “aryanismo”, recordar-se, também, antes de brandir a sua penna cheia de travor contra os filhos da noite immensa da Africa, dos sacrifícios que esses negros tão repellentes fizeram, em benefício da liberdade da França, durante quatro annos de guerra.

O sr. Thérive, nesse capitulo, encontraria muitas lembranças mais. Infelizmente, o notável publicista não enveredou por esse caminho, e resolveu, de repente, lembrar-se do nosso paiz tão distante, escondido no perfume das suas florestas e das suas praias salgadas. Dess’arte, depois de varios comentarios, trestando a Gobineau e a Lapourge, mestre Thérive fechou o seu artigo com esta prophecia terrível: “se a França não reagir depressa contra a onda negra, que nos ameaça, ella se converterá num simples Brasil” Certamente, com essas disposições sympathicas, o sr. Thérive será, brevemente, candidato a uma viagem de recreio ao Rio de Janeiro. Afinal, eis ahi uma aventura que não é tão negra quanto parece.
O cinema e o livre espírito nas colônias...

Nunca se falou tanto, neste século, das colônias, dos imperios coloniais, do renascimento das riquezas de Asia e de Africa viciosas, como neste momento. Parece que estamos ainda na éra do principe de Metternich, da Santa Alliança, do Congresso de Vienna e de Napoleão, conservado em banho Maria, nas panellas de Hudson Lowe. O espírito europeu, entretanto, não mudou a sua tática tradicional, para conservar a posse do ouro africano e das especiarias asiáticas. Depois de cem annos de experiencia, os governantes do velho mundo não encontraram outras fórmulas, capazes de garantir a fruição das suas presas. Imitando as decisões dos antigos Conselhos ultramarinos e as carrancudas sentenças dos funcionários de Portugal e Castella, os novos "colonialistas" procuram
resguardar os interesses de suas respectivas metrópoles, pondo em pratica a sabedoria do avestruz. Escondem a cabeça tonta da Europa, num cômoros de areias fôfas, e deixam de fora toda a plumagem dos seus desatinos coloridos.

Nos tempos d’El-Rey fidelíssimo e de Sua Majestade Catholica, o inimigo a combater sem piedade era o espírito. Deante do livro, cerravam-se apavoradas as alfandegas, e os vigilantes dragões dos vice-reis conduziam aos autos-da-fé, in-folios e volumes, como se levassem máquinas infernaes e explosivos. Os condes de Bobadela temiam-se de Voltaire, como o sr. Hoover de um carregamento de whisky. A inteligencia dos “colonos” estava sujeita ao regimen da “lei secca” Adam Smith, Rousseau, Diderot equivalentam a marcas de vinho espumante. Eram toxicos da imaginação.

Esqueciam-se, porém, os fiscaes da Coroa e os zeladores dos thesouros bragantinos e bourbonicos de completar com o exemplo as graves prédicas. Queimavam os textos perigosos, mas abriam banca de anarchistas no
meio da rua. Ouvidores, juízes, coroneis de milícias, fidalgotes de murchos pergaminhos e fidalgões de campanuda linhagem, ministros e secretarios, cobertos de velludo e rendas, não viviam consoante os sermões que pregavam ao populacho. "Fanfarrão Minezio" e sua Córte, que o nosso Cláudio Manoel da Costa zurziu nas “Cartas Chilenas”, ensinavam aos mazombos as secretas mazellas dos empoados reiênes. E, da outra banda marítima, com o seu tosão de ouro ao pescoço, os seus mantos de arminho e os seus escudos de quinas e castellos, D. João V empunhava o sceptro illustre, á guisa de batuta, para reger o lascivo concerto de toda uma sociedade solerte e devassa. A musica chegou até as praias e florestas amerycanas e teve, na colônia, os seus “virtuosi” elegantissimos. A dictadura pombalina tentou reagir contra os remanescentes da herança. Mas já era tarde. De D. José I a D. João VI, com a sua Carlota Joaquina e o seu opportunissimo e secretissimo Lobato, os “grandes” da Metrópole inculcaram aos aprendizes da “colonia” uma philosophia que os mesmos livros, tão perseguidos, não continham.
Ora, meus senhores, a historia é mestra de repetições. De que se lembram, agora, os europeus, afim de remediar os efeitos da revolta latente nas suas propriedades senhoris da Africa e da Asia? De suprimir o cinema. E por que? Porque os “films” desmoralizam os brancos. Pintam-lhes os defeitos, a voracidade, o roubo, a concupiscencia, a voluptia, a ingratidão, o egoísmo. Em face de um desses dramas, exportados de Hollywood, de Paris ou de Berlim, o “indígena” de pelle negra ou amarella começa a desconfiar da solidez moral dos seus amos. E julga, naturalmente, que a color, por si mesma, não exclue o crime e a indisciplina. E conclue que “todos somos iguaes”

Um “especialista” no assumpto, o sr. Hesketh Bell, transmite-nos amargas reflexões, em artigo publicado na revista “Le Monde Nouveau” (Julho-Agosto de 1931), sob o título “A influencia nefasta do cinema sobre os povos primitivos” O sr. Hesketh Bell affirma que o nivel do respeito ao branco baixa desoladoramente nas colonias europeas e nor-te-americanas. “O velho dictado — “Familia-
rité engendre mépris" — aplica-se, aqui, particularmente, e nada é mais certo do que o influxo primordial do cinema, entre as gentes de côr, sobre o desprestigio dos europeus. Até certa época, relativamente próxima, os asiáticos e africanos faziam idéa extremamente vaga da vida privada e da conduta dos europeus. Os indígenas, sobretudo nas regiões primitivas, julgavam os brancos de acordo com o modo de viver e obrar dos administradores, missionários e outros europeus que se esforçavam por desenvolver-lhes as aptidões moraes e intelectuaes. Os homens brancos e, especialmente, as mulheres, gozavam de singular prestigio e consideração. Mas, de súbito, sobrevem um facto novo e lastimável. Essa gente simples e sem instrução conhece o cinema. Deante dos seus olhos, desenrolam-se pinturas que mostram, sob todas as formas, os aspectos crimininosos da vida dos brancos: crueldades, da mais variada especie, commettidas pelos europeus. Roubos, latrocinios, incêndios, estupro, assassinios, violencias, etc.
“Eis como vivem os brancos! — observaram os indígenas — E são elles que, sob o pretexto de que nos são superiores, vêm perturbar e destruir todas as nossas tradições e os nossos costumes immemoriaes!”

O sr. Bell espanta-se das consequências dessa propaganda. E clama que essa infiltração insidiosa deve cessar. Mas o sr. Bell estará seguro de que os criados malayos, congolezes ou chins só viram roubos, violências e adulterios, commettidos pelos europeus, no cinema? Pois, então, desde o tempo de Marco Polo, os funcionarios brancos respeitaram sempre os nove mandamentos? Foi preciso que se inventassem as imagens animadas de um “écran” para que os asiaticos e os africanos desconfiassem da inteireza da nossa honridade? Mister Bell, os puritanos não descobrem mais nada.
Os Estados Unidos da França, Alemanha, Bélgica e Áustria, ou a União Russo-Germanica.

O professor Bartholdy e os Tres Moscoteiros do Kremlin

Quando paira sobre os Estados forte ameaça de morte ou desagregação, as imaginações deliram e o medo gera planos e projectos de monstruosa fantasia. Durante o cerco de Paris, enquanto os millionarios comiam ratos, em porcellana de Limoges, e os pobres diabos trituravam bifes de sola de sapato, o espírito inventivo dos patriotas, empenhados em salvar o país das pesadas botas prussianas, não descansou. Cada dia publicavam os jornais, entre os comunicados melancólicos dos campos de batalha, descrições e “croquis” de máquinas impressionantes, destinadas a limpar, de uma assentada, a mancha de Sedan ou a macula de Metz. Surgiram, pois, no improviso do desespero jacobino, instrumentos bellicos susceptíveis de contrariar
as leis irremediáveis da realidade. Um “concierge” pacato, com algumas grammas indigestas de couro velho no estômago, traçou um sistema complicadíssimo de túneis e meandros subterrâneos, que deveriam dilatar-se até às posições ocupadas pelo inimigo, e, que, depois de conveniente carregamento de explosivos, poderia arremessar aos ares, em alguns segundos, todos os granadeiros, uhlanos, couraceiros e artilheiros dos exercitos de Moltke, sem esquecer o contrapezo de Reis, príncipes, duques e marechaes das legiões invasoras. Outro parisiense ideou uma formidável catapulta, montada na direcção de Versalhes, capaz de lançar, sobre o “Grand Trianon”, um bloco de granito formidável, cuja repentina queda determinaria o esmagamento triumphal dos Hohenzollern e do principe de Bismarck.

Sitiados pelos credores internacionaes, depois das suas generosas especulações com os bolchevistas, os allemães encontram-se às portas da fallencia, arrepiados ante o banquete de camondongos trufados com que lhes acena o futuro proximo. A tortura de perder o sabor de um bom pote de cerveja e de um plan-
turoso “sandwich” de pão negro faz o germânico tontear. A vertigem cria visões. E os fantasmas começam a rodar em torno dos habitantes do Reich.

A entrevista que o illustre professor Mendessohn-Bartholdy acaba de conceder ao correspondente do “Excelsior”, em Genebra, apresenta, com todo o respeito que devemos ao eminente delegado allemão à Sociedade das Nações, irrefutáveis semelhanças com os “planos” salvadores do inquieto “concierge” de 1871. “Herr Doctor” mostra-se desalentado. “A Allemanha vive no estupor e no mais triste desconsolo.” Para remediar o actual estado de cousas, na Europa, o sr. Bartholdy vislumbra as três únicas soluções seguintes:

a) — A solução franco-germano-belgo-austriaca.

“A primeira solução consiste na união radical dos nossos dois paizes com a Belgica, de um lado, e a Austria, do outro: ou na forma-

b) — A Solução Germano-Russa.

Deante do movimento de estupor do jornalista francez, redarguiu o “Doctor”: “Será preferivel a outra solução, consistente numa liga economica germano-russa? Liga comple-
ta, quero dizer, elaboração commum de um plano quinquennal ou decennal com a República soviética, e no qual — contribuindo a Alemanha, “grosso modo”, com a indústria, e os russos, com as matérias primas — vários problemas sociais lograriam boa solução, a começar pelo da crise dos milhões de “sem trabalho”, existentes no Reich.”

No propósito de afastar qualquer reserva ou desconfiança, acerca das possibilidades de tal convenio, assegurou o sr. Bartholdy, com a sua innegável autoridade política:

“Já estamos, nesse particular, muito adiantados. Cada dia o Estado alemão progride no caminho do controle financeiro das indústrias particulares, no Reich. Na situação de desespero moral, em que se acha o povo alemão, a perspectiva de produzir, de realizar grandes obras industriais é, sem dúvida, profundamente sedutora. Espiritualmente, a fascinação do comunismo russo ganha a juventude de todas as classes e nenhuma barreira moral séria opporiam os nossos compatriotas a essa Liga. Pois não fizeram os russos, nesses últimos annos, appello, em condições “mui-
to douradas”, a alguns dos nossos maiores architectos e engenheiros, para executarem, na Republica dos Soviets, vastas construções? Esses technicos voltaram da Russia satisfeitos. Pouco e pouco, as mentalidades se aproximam. E é de notar que numerosos dos nossos “chômeurs” se dirigem para a U. R. S. S., afim de obter logares que lhes não podemos oferecer. Refere o proverbio francez que “à l’Impossible nul n’est tenu” Não temos por esse projecto nenhuma preferencia particular, mas se fossemos obrigados a lançar mão della — certamente por necessidade — os Estados Unidos, a Inglaterra, a Italia saberiam apreciar o plano, no seu justo valor. Necessitamos de soluções imediatas. Dentro de seis mezes, será tarde.”

c) — A Solução Colonial.

“Receio muito que uma outra solução, da qual fui sempre adepto e que procurei defen­­der, na America, seja agora de pratica difficil: a colaboração estreita da administração
europeia na Africa Central. A ideia do mandato, sugerida pela delegação americana, em 1919, não encontrará completa aplicação recompensadora, senão quando todas as colônias da Africa Central se reunirem aos territórios sob mandato, e forem dirigidas por uma administração composta pela Inglaterra, França, Belgica, Allemanha, Portugal e, talvez, outros paizes europeus, sob a tutella da Sociedade das Nações.

"Naturalmente se me perguntarem qual a solução preferível, eu affirmarei que, no interesse da paz mundial e da segurança para todos, seria a da união pacifica entre a França e a Allemanha, união que poria os dois paizes no mesmo pé de egualdade: uma união pacifica, cuja estipulação principal estabeleceria a abolição de todos os segredos políticos entre Berlim e Paris, uma união pacifica que não se faria contra ninguem, mas que permitiria á Allemanha e á França contar uma paz completa nas suas relações internacionaes. Essa união facilitaria, tambem, um entendimento sobre o problema africano, tão necessario para a Europa e o resto do mundo"
As soluções do professor Bartholdy revelam a ideologia metaphysica de um cerebro de Heidelberg. Mas, sem ofensa a “Herr Doctor”, a sinceridade cabe na metaphysica. E o professor, que é um atilado sociólogo, não foi sincero na sua conversa com o jornalista de Paris. Todas as suas soluções cifram-se, apenas, no efeito das ameaças da Liga Russo-Germanica. Mestre Bartholdy sabe, entretanto, melhor do que nós, a impossibilidade material dessa famigerada união, que a disciplina germanica repelle, como um corpo químico rejeita um composto heterodoxo. A Alemanha, em relação aos Soviets, apresenta duas faces. Uma externa, para o “francez ver”, aberta num sorriso complacente e amável. Outra, interna, que se traduz nas “matações e caçadas” aos communitistas do Reich, dirigidas pelos nacionalistas de Hitler e dos Capacetes de Aço. O senso da hierarchia é, ainda “Deo gratia”, o fundamento do Estado germanico. Essa historia das “juventudes allemãs” fascinadas pelo bolchevismo é um conto de cegonhas, para os meninos mal comportados de Strasburgo. O Reich conhece, de
sobra, as fraquezas do papão russo e a parolagem dos Tres Moscoteiros do Kremlin. Não é com esses façanhudos avalistas que os bancos de Berlim retirarão as moedas do pé de meia francez.
O México, o "Journal des Debats" e os países da América Latina

A sociedade das Nações, "en mal d'argent" e por falta de boa companhia, na América, resolveu convidar, ainda uma vez, o México para ingressar no seu doce e amável seio de esperanças. Bom cavaleiro, sem suspicácia nem rancor, o México aceitou. Houve, naturalmente, grandes manifestações de contentamento à margem do Lemano. Os doutores angelicais daquella melancólica assembléia de promessas desaggravaram-se, no jubilo dos applausos e no calor das "boas-vindas", ao novo socio, do mau humor do sr. Mattos, da Guatemala, que declarara, pouco antes, "não valer uma reunião do Instituto de Genebra o preço da passagem." Não será excusado referir que a República de Guatemala iria ceder o seu logar, no Conselho, a outro comparsa modesto, sem o direito de permanencia, reservado
aos leões da Europa e Asia. O delicado cordeiro centro-americano vingava-se, dess’arte, por ter que se despojar do sedutor enfeite de uma brilhante juba temporaria.

O Mexico recebeu, portanto, o beijo do filho prodigo que regressa ao aprisco. Rompeu-se a ala dos namorados, para que elle pudesse perfilar-se entre os paladinos da illustre Cavallaria, de que sir Eric Drumont é o Sancho Pancha honrado, vigilante e attento servidor. Todos bateram as palmas. Os olhos humedeceram-se de pura e transcendente alegria. Só o “Journal des Débats”, mau grado a experiencia da sua vida secular, que lhe deveria imprimir um pico de tolerancia ao tempero dos commentarios, só o ancião “Journal des Débats” não gostou da festa. E reclamou em termos taes, que é mister reproduzil-os “ad littera”, para se observar como um generoso paiz, orgulho da tradição humana do novo mundo, se arrisca, por vezes, á ira de qualquer “especialista financeiro” de um grave orgão da imprensa parisiense. Ora, pois, vejamos o que proferiu o “zangão”:
“O Mexico — disse o escriba — teve hon-tem as honras da segunda sessão da Sociedade das Nações; foi coberto de flores: a perfeição de sua cultura, a energia de sua raça foram invocadas para justificar sua entrada no seio da grande família, de onde fôra excluído, outr'ora, porque o governo que presidia os seus destinos desagradava aos Estados Unidos.

“Que a adhesão do Mexico permita à So-ciedade das Nações perfazer a universalidade a que ella aspira, nada de melhor. Mas seria excessivo que as portas se abram ao Mexico, a titulo de recompensa”

“O Mexico faz parte da phalange de Esta-dos que não respeitaram os seus compromissos. Elle renegou todas as transacções realizadas, acerca da sua divida exterior, entre seus succes-sivos governos e o Comité internacional dos banqueiros. E’ esse o costume, no Mexico, onde, desde vinte annos, os accordos, logo depois de concluídos, são denunciados”

Proclamou ainda o “zangão” outras im-pertinencias. E rematou-as assim: “Parece que a Sociedade das Nações se olvidou dessas
contingências (sic) quando elevou o México a tão grandiosas alturas.” (“J. des Débats”, de 10 de setembro de 1931.)

O decano da imprensa de Paris, talvez atacado, como a generalidade dos velhos rabugentos, de algum mal secreto, julga pelos seus ardores e pelo prurido das suas coceiras a honra de todos os países latino-americanos. O Brasil e a Argentina, apezar do sr. Uriburu se haver apressado em declarar, “urbi et orbe”, quando se divulgou a resolução da nossa moratória parcial, que Buenos Aires não suspenderia o serviço das suas divisões externas, sofrem, continuamente, a repercussão dos achaques dos “Débats”. Se o dictador argentino pensou, com a sua inocente sangria, sustentar o crédito da América, perdeu a eloqüência do seu latim e a vibração patriótica dos seus tropos castelhanos. Todos esses dias o sizudo “decano” tem mostrado, nos seus quadros estatísticos, o plano inclinado em que rolam, na Bolsa de Londres, os títulos argentinos. E as suas conclusões revelam mais amargo sabor que o matte chimarrão do general platino.
Nossos paizes são considerados, na Europa inteira, por sua capacidade de pagamento. Pouco importa que os banqueiros ingleses ou franceses tenham realizado, no Rio, no México ou em Buenos Aires, operações fabulosas, cujos lucros, mercê do jogo cambial, dobram os capitães emprestados. Pouco importa que tenhamos de comprar a 80, a libra que elles nos venderam a 40 mil rs., afim de cobrir os juros e amortizações dos nossos empréstimos. Elles querem o dinheiro, na hora exacta. Se, porventura, não dispomos, no momento, de numerario, somos “deshonestos”, “esbanjadores” e “incapazes”.

Nossas revoluções provocadas muitas vezes pelas manobras da finança internacional, são permanente pretexto para companhas de ridículo e zombaria. “Los pronunciamentos” servem, nos theatros e nas revistas jocosas, para o granizo das chufas e a saraivada dos remoques. A Europa civilizada fez a guerra, preparou a guerra, pacientemente, como verdadeira operação economica, política e financeira. A Europa lançou o mundo no inferno de uma crise sem precedente na histo-
ria. A Europa, depois da guerra, com exce-
pção da França, da Grã-Bretanha e de humil-
des reinos e republicas sem relevo, entrou em um período de francos “pronunciamentos”, de que o bolchevismo e o fascismo têm sido os modelos primordiais.

Não temos, entretanto, o direito de pro-
curar um remédio violento para os nossos males. Nossas revoluções indicam apenas, desordem, incultura, incapacidade, selvageria. Ainda se pagassemos as nossas dividas, essas traquinadas poderiam merecer castigo menor. Ainda se comprássemos os “stocks” da super-produção industrial européia e norte americana, tudo se arranjaria em familia. Mas os parentes pobres não têm perdão, mesmo quando imitam os ricos, por força de ne-
cessidades.

O que o “Journal des Débats” disse do Mexico é significativo. Seus homens de pen-
samento, os monumentos da sua antiga cul-
tura, seus anthropologos, seus poetas, seus moralistas, seus escriptores finíssimos, dos quais o meu querido embaixador Alfonso Reyes honra as tradições, no Rio de Ja-
neiro, os sofrimentos de sua raça, onde o heroísmo já não causa espanto, tudo isso nada representa. Nossos juízes são os defensores das moedas que os banqueiros nos emprestam, para renovar o milagre dos pães. Os lobos estão bebendo adeante de nós. Cabe-nos, porém, o privilégio de toldar-lhes a água. A lição do fabulista não é apenas de proveito para as crianças. Os grandes Estados servem-se, às vezes, da moral de La Fontaine.
Deante deste nome rebarbativo, o “Bibliobus”, perguntarão os leitores desavisados se se cogita de qualquer descoberta, numa das cavernas da Dordonha, de algum monstro contemporâneo do Dinosaurio, amigo de infolios ante-diluvianos, gravados em silex ou cozidos em barro. O monstro, que acabo de examinar, no palácio das Colonias, neste domingo azul do verão parisiense, tão frio como o nosso doce inverno do Flamengo ou de Copacabana, é apenas um automóvel conductor de livros, um automóvel-bibliotheca, destinado a percorrer as estradas de França e, sobretudo, os grandes e desolados caminhos das colonias africanas e asiaticas, em missão de catechese espiritual.

Impulsionado por um motor de dez cavallos, e podendo transportar oitocentos kilos,
ou cerca de 2.500 volumes, o “bibliobus” dispõe, nas faces externas, de prateleiras metálicas, onde os curiosos escolherão, como nas caixas dos “bouquinistes” do cáes Voltaire, os seus auctores predilectos. Transporta o veículo, no interior, dez grandes malas de madeira, para renovação do stock, ou para distribuir, pelas escolas e círculos estudiosos, a título de empréstimo, diferentes obras de humanidades e cultura geral. Na parte posterior articula-se uma pequena mesa, que permite ao bibliothecario inscrever os títulos dos volumes emprestados. Mas saberão, acaso, quem é o bibliothecario? Julgarão, porventura, que é qualquer desses “rapins” das galerias do Odeon ou dos cafés de Montparnass ou da Place Clichy, nutridos de poesia e metaphysica, mas sem calorias suficientes no estômago vazio? Pois, estão enganados. O bibliothecario é o chauffeur.

O engenho francez dá, assim, uma função inédita á machina, a essa machina tão calumniada pelos conservadores e tradicionalistas, que circulam pelo “Bois” nas suas voluptuosas Rolls, Delages e Hispanos, mas
fazem, por elegância, o elogio da diligencia e
dos teares romanticos de Ruskin.

Georges Duhammel estará, agora, menos
inquieto? A sorte da civilização mecanicista
parecer-lhe-á mais amavel? O francez, por
via de regra, perdôa tudo, desde que lhe sir-
vam as coisas em boa syntaxe. Não é só o
latim, tambem "le français brave l'honnê-
teté"

Ora, um mecanismo que não se limita a
cortar fatias absurdamente iguaes de presun-
to ou de ananazes, ou estampar kilometros de
tecidos para vestir, da mesma forma, dezenas
de milhões de creaturas em Chicago, Tokio,
Budapesth e Capetown, merece indulgencia.
O "bibliobus" somma dois factores essenciaes
daquillo que, no seculo XIX, se chamava o
"progresso", e nós modestamente denomina-
mos o "conforto" da civilização occidental: a
velocidade e o prazer do espirito.

Desse monstro mecanico saltarão, como
das immensas tortas armoriadas dos festins
medievaes, o Cid, a numerosa familia de pelo
e pennas e plumagens de La Fontaine, as fadas
de Perrault, os arlequins e os pierrots de Ver-
laine, o fauno melancólico de Mallarmé, os ca-
valleiros da Tavola Redonda, Carlos Magno e
D. Quixote...

Quem dirá que esse monstro é inimigo da
boa syntaxe? Quem dirá que esse monstro é
apenas um conglomerado de aços, borrachas,
madeiras e oleos mal cheirosos? Quem nega-
rá que esse monstro guarda, no coração blin-
dado, mas susceptível de abrir-se ao primeiro
contacto, o maior thesouro do homem: a ima-
ginação?
As negociações Franco-Sovieticas

O francez mediano, sem possuir aquella finura imaginativa dos povos itálicos, é talvez o exemplar humano que melhor se serve do instincto da vida, como fundamento do raciocínio.

Descartes é um modelo maravilhoso do espírito francez, é, por assim dizer, a sublimação desse espírito, que inventou a "petite épargne" de Mr. Durand e a "intelligencia domestica" da "ménagère campagnarde". Neste país ninguém se ri do logar commum, que tanto apavora os outros latinos, principalmente os da nossa America. E o logar commum, que é a sabedoria dos proverbios, revela-se a cada passo a verdadeira substancia da razão franceza.

Na civilização européia, a economia franceza representa um fenômeno singular. O
germano, o slavo, o anglo-saxão e o latino do Mediterrâneo caracterizam-se pela indisciplina dos seus métodos de distribuição da riqueza. A Inglaterra, a Espanha, a Áustria, a Rússia, a Alemanha e a Itália foram sempre Estados de castas superpostas. Sob muitos aspectos, o feudalismo prossegue naquelas países, no Lord inglês, no barão rural germânico, no hidalgo castelhano, no comunista russo, disfarçados em banqueiros, industriais e ditadores, sócios de trusts formidáveis. Esses magnatas exploram o Estado e o dirigem, na realidade, mau grado o jogo dos Parlamentos e as engrenagens dos governos, porque enfeixam nas mãos a quasi totalidade da fortuna pública. Os povos são as suas mesnadas, iludidas pela complicada aparrelhagem das leis democráticas ou socialistas.

A pequena propriedade salvou o francez dessa irremediável sujeição. Ela é uma das instituições da antiga França. A pequena propriedade permitiu a formação da burgueza, das corporações fabris, agrícolas e comerciais, deu força à nobreza rural e articulou grandes famílias aristocráticas, de onde sahi-
ram os Reis e as dynastias. Esse equilíbrio social, que Richelieu procurou romper, em favor da Corôa, é o radical da comunhão franceza. Para defendel-o, o francês imolou a realeza de Luiz XVI e o Imperio napoleónico. Para assegurar-lhe a integridade, Paris ateou as revoluções de 1830, de 1848 e de 1871.

O individualismo francez é o producto de uma repartição homogênea da fortuna nacional, da repartição mais homogênea que se conhece na historia. E' justamente esse "instinto da vida" que mantem o francez vigilante em face dos soviets, como um espectador irónico e paciente deante de uma tragédia sem finalidade humana.

Os comentarios de toda a imprensa de França, a propósito do propalado acordo franco-sovietico, deparam uma agudeza de análise dos factos históricos, profundamente superiores, na sua medida, às explosões apaixonadas que repercutem nos jornaes de Londres, de Roma, de Berlim ou Nova York.

O francez vê, nas aperturas de Moscou, um pedido de socorro que prenuncia a fallência do socialismo exasperado. Com a subtileza
da sua observação, elle percebe que o sistema de Staline, longe de ser avançado, é tão passado e está, sem duvida, tão afastado da forma do futuro Estado, como as diferentes panaceias do liberalismo democrático.

Staline carece de mecanismos e de técnicos, para a sua experiência de industrialização da Russia. Apezar do "Dumping", da servidão dos operarios e camponezes, feitordos pelo exercito vermelho, apezar do dia de 12 horas de trabalho, o bolchevismo não reduziu as suas dividas fabulosas. Não saneou a moeda russa. Não equilibrou a sua balança comercial, nem os seus orçamentos. Os "deficits" acumulam-se geometricamente. Emquanto o Reich conseguiu emprestar aos Soviets o dinheiro dos bancos inglezes, Staline pouse prosegir na sua obra, com a teimosia que lhe é peculiar, com aquella obstinação de "mujick" taciturno, que tanto impressionou o sr. Malaparte.

Mas Londres comprehendeu os perigos da sua manobra financeira, consistente em collocar, na Allemansha, a 9 %, os capitaes tomados em França, a 4 1/2. E Berlim, ante a crise do
credito allemão, teve que desistir de remetter a Moscou esses mesmos capitães, cedidos a juros de 12 e 15 %.

Staline volta-se, agora, para a França. Mas o “banqueiro da Europa” é solerte. E o “pequeno proprietario” da Gironda, da Turenna, da Champanha e da Provença não parece disposto a sacrificar o seu copo de vinho, o seu queijo e o seu pedaço de pão ás ideologias de Moscou. Elle não consentirá que o seu pé de meia desappareça na bota do “mujick”
A reacção, em França, contra as vaccinas preventivas

Uma das obras recentes que mais têm impressionado os meios científicos de Paris é, sem dúvida, o livro do famoso sábio senhor Léon Vannier, intitulado “La Doctrine de L’Homœopathie Française” (G. Dion & Cie., Paris, 1931). Esse grande médico impoz-se à admiração dos seus contemporâneos, incluindo até os professores da medicina oficial, que lhe não regateiam applausos, pela alta consciência que elle tem do seu mistér. Seu nome cresceu e irradiou pela Europa, depois da epidemia de 1918. Nesse momento, dirigia o sr. Vannier o “Hospital Hahnemanniano”, de Paris, onde se recolheram milhares de enfermos. Pois bem, enquanto os índices de mortalidade, nas clinicas publicas e particulares, se elevavam a trágicos algarismos, o sr. Vannier podia afirmar, quando cessou a pan-
demia, “que não perdera um só doente de grippe.”

Sua concepção homoeopathica das doenças basea-se na função da Dóse Infinitesimal e no seu mecanismo de acção. No futuro, diz elle, tudo se resolverá pela influencia das forças ondulatorias, cuja irradiação mais ou menos accusada, e dirigida com a technica dos rhythmos essenciaes, será susceptivel de curar o doente. “O remedio mediador entre a enfermidade e o enfermo será, apenas, um elemento de alta tensão virtualizada, e agirá como um catalysador, produzindo, de chofre, a transmutação necessaria, sem choque catastrophico, desde que seja elle convenientemente adaptado ao diapasão biologico do enfermo, no qual se poderá observar, então, mathematicamente, o rhythmo e a extensão do seu resultado”

A materia medicinal homoeopathica nada tem de commum com a materia medicinal ensinada nas Escolas, onde os jovens se preparam para o exame de therapeutica. Estuda-se, então, penosamente, a acção physiologica de cada medicamento, sua dóse toxica e o mecanismo da morte do animal, cobaia ou coelho,
ao qual se faz absorver, por via digestiva ou por via venosa, uma dose massiva do produto. Raramente se emprega uma substância "natural", mas quasi sempre um extrato de planta, alcaloide ou essência, e mais frequentemente, ainda, um composto quimico artificialmente preparado e cuja "formula magica contem todas as virtudes dos componentes"

"Na sua pratica — refere o sr. Vannier — o medico moderno parece haver esquecido os elementos multiplos que aprehendeu para o exame de therapeutica. Elle conhecia, então, de cada substancia util a dose toxica, que elle não deveria ultrapassar, sem risco mortal para o seu cliente. Elle poderia "prescrever" uma receita, "formular" um tratamento, quer dizer indicar as doses uteis e necessarias, que, logica e razoavelmente, julgava serem de proveito para o seu doente"

"Todos esses estudos, actualmente, se reduzem a nada. O medico moderno não formula mais. Contenta-se com recommendar, simplesmente, uma collecao de especialidades, que os felizes fabricantes impõem ao publico, por meio de solerte propaganda. To-
dos os dias surgem novos produtos, cujos efeitos maravilhosos, inteligentemente apresentados, embora entusiasmem os doentes, são recebidos com o mesmo scepticismo tranquillo pelo corpo medico. A “Moda”, em therapeutica, daria assumpto, em verdade, para uma deliciosa conferencia humoristica.”

As observações do grande Auclair, o genial preparador da vaccina bacillo-pancreatica, ajustam-se, nesse particular, aos conceitos do sr. Vannier. Para elle, os medicos modernos, em sua maioria, eram meros socios ingenuos da pharmacopéa industrial. Sem experiencia de laboratorio, desprovidos de cultura physico-chimica, destituídos de noções fundamentaes de mathematica elementar, elles perderam o conhecimento daquella “arte de formular” que era o brazão da verdadeira “arte de curar”, com perfeita razão dos methodos utilizados. O medico moderno “receita” de ouvido. Fia-se, naturalmente e sem malicia, nas bullas da medicina industrial. A’s mais das vezes, ignora completamente a propriedade dos corpos que entram na composição dos comprimidos, das capsules, dos xaropes que
fazem os seus doentes ingerir. Os médicos modernos "receitam no escuro"

Vale a pena mencionar, aqui, o tristíssimo caso ocorrido, ainda este ano, com o illustre e malogrado pintor brasileiro Navarro da Costa. Para combater os ataques periódicos de horríveis gastralgias, o notável artista patrício costumava tomar um preparado alemão, que lhe prescrevera certo clínico lisboeta. Encontrando-se elle em Florença, desprovido já do "remedio", levou a bulla a um farmaceutico, perguntando-lhe se era capaz de o manipular, de acordo com as indicações dosimétricas. Rápido, o farmaceutico promptificou-se a "fabricar" o preparado. Bastou apenas uma dóse dessa substancia, para que Navarro da Costa, mortalmente intoxicado, nunca mais se levantasse do leito, depois de uma operação de urgencia a que se submetteu quasi agonizante.

O emprego das vaccinas preventivas como a B. C. G., de Calmette, o serum anti-typhico e o serum anti-pestoso, soffre, agora, rigoroso exame por parte dos technicos francezes. Léon Daudet, cujas experiencias sobre a etio-
logia do cancro e da tuberculose, com o professor Roy, são conhecidas, acaba de publicar um impressionante estudo sobre os resultados da B. C. G., digno de figurar entre as paginas do seu commovente livro "Les Rythmes de l'Homme"

Depois de reproduzir a ultima comunicação de Calmette á Academia de Medicina, (21 de julho de 1931) sobre os resultados favoráveis da sua vaccina, transcreve Daudet diferentes cartas de especialistas europeus, inquietos deante das consequencias remotas que essas substancias poderão determinar, no organismo humano. Não temos autoridade para entrar no merito do assumpto. Por isso, deixamos de acompanhar a analyse minuciosa, de ordem physiologica e physico-chimica, feita pelos mestres, empenhados em combater a "illusão das vaccinas preventivas" e o "perigo dos preparados pharmaceuticos" Reproduzimos adeante as conclusões de Daudet, cujo interesse para o espirito humano transcende os circulos scientificos:

"A questão que formulam os adversarios da B. C. G., e que eu julgo legitima, é a seguin-
te: Que produzirão, no sangue dos pacientes, ao cabo de uma dezena ou quinzena de anos, todos esses corpos estranhos, constituídos pelos seruns ou as vaccinas “anti?” Não obrarão, porventura, como venenos, depois de terem agido como remédios? Nada, no estudo da cellula, permite uma resposta peremptória, em favor de sua inocuidade permanente. Quanto ás “resoluções” da Academia, desconfio dellas. Quantas mentiras grosseiras ali se anunciaram, desde sessenta annos!”

Filhos do século XIX, quando não pertencem á rara linhagem dos Pasteur e dos Claude Bernard, os médicos modernos se olvidaram, talvez, de que “Medicina est gratia data a Deo cujus fundamenta non sunt Academicis libri, sed invisibilis Misericordia Dei et Dona.”
Reflexões sobre a doença do Imperio Britannico

1 — Os globulos vermelhos do sangue britannico.

O Imperio Britannico substituiu, como factor do equilibrio universal, a realeza de França. Antes da Revolução, até o derradeiro quartel do seculo XVIII, as armas da monarchia franceza occupavam o centro do brazão da Europa. Ao redor do sol de Versalhes, giravam as estrellas de Portugal, de Castella, da Prussia, da Austria, da Grã-Bretanha, dos Paizes-Baixos, da Russia e dos numerosos principados, ducados e senhorias do Mediterraneo, do Adriatico, do Baltic e do Rheno. Luiz XIV, no crepusculo do seu reinado, foi um Carlos Magno de peruca e punhos de renda. Deante do seu throno, prosternavam-se os embaixadores do Oriente e do Occidente.
Os persas ofereciam-lhe tapeçarias. Os negros mandavam-lhe marfins. Os russos enviavam-lhe arminhos. Os hespanhóis davam-lhe princesas para o leito dos “filhos de França”. Os florentinos enchiam-lhe de moedas as escarcellas. Os inglezes e os prussianos acolhiam os seus detractores, com o sorriso do demônio aos anjos rebeldes.

Mas o sol de Versalhes não poderia brilhar sempre. E apareceram-lhe as manchas fataes. A da Regência foi grande. Mas a de Luiz XV tomou quasi todo o resplendor do enorme disco, transformando em carvões fumegantes os diamantes da sua luz. Luiz XVI teve apenas uma chama tremula para aluminar o seu martyrio. E, por traz de Paris, que declinava, na purpura de Robespierre, de Marat e de Danton, surgiram as pedras tisnadas de Londres.

A Revolução foi o maior negócio que os inglezes realizaram. Até certo ponto pode afirmar-se que, entre os fundadores do Império Britânico, estão os “sans-culotte” de 1789 e os “grognards” de Bonaparte. A revolução libertou o inglez do seu insularismo. E os
juros das campanhas napoleonicas agregaram á pequena ilha da Mancha todos os portos da America, os maiores imperios da Asia, as florestas e as minas da Africa, os estreitos, os canaes e os archipelagos mais importantes de todo o mundo.

Os globulos vermelhos do sangue britanico eram a libra, a esquadra e a aristocracia.


A libra era a cellula do organismo imperial. Todos os padrões das Colônias e dos Dominios fundiam-se no padrão da Metropole.
A libra não era somente um capital seguro. A libra era o capital.

A esquadra de Sua Majestade Graciosa representava a imagem da disciplina. Essa disciplina era uma harmonia. Dentro della, o almirante e o pirata, Nelson e Cavendish, juntavam as suas vozes de commando, para obedecer ao throno. A esquadra era a terra firme do Imperio Britannico. O inglez sentia que a esquadra era o seu continente. Britannia rule the waves.

A aristocracia britannica era o sal do mundo. O “gentleman” era uma expressão de elegancia gratuita, que existia por si mesma. Sobre a massa dos mineiros e dos operários, sujos de oleo e negros de coke, scintillava o Lord, como um diamantino de agua purissima. O Lord era o dono, o amo, o Senhor. Acima delle, e por seu espontaneo consenso de barão feudal, só havia um lord maior — o Lord Rei. Elle conhecia apenas dois poderes: Dieu et mon droit.
2 — Quando os Partidos eram dois.

Depois de Cromwell, os burguezes vieram misturar-se aos gentis-homens. O Terceiro-Estado começou a usar tacão alto e colorido. A experiência política favoreceu a instituição de um sistema admirável, cujos pesos se equilibravam nas conchas de uma balança de governo.

De um lado, os Conservadores. De outro, os Liberaes. O Rei, no centro, como um fiel, sujeito ás fluctuações da maioria parlamentar.

O eleitorado era restricto. Votavam, em geral, os contribuintes, os que possuíam rendas, os homens de negocios, industriaes comerciantes e banqueiros, os funcionarios publicos, os professores. Toda essa clientela politica se norteava pelo senso das realidades economicas. Essa gente conhecia o valor do dinheiro e, por seu intermedio e sob o seu influxo latente, conservadores e liberaes, durante longos annos, governaram com os orçamentos equilibrados, resistindo á pressão das aventuras e das especulações internacionaes.
Conservadores e liberais, sob diferentes aspectos, eram uma força de igual potência, orientada para um fim muito semelhante: a glória do Império. Elles espelhavam, assim, a physionomia do seu eleitorado.

3 — Os Trabalhistas. A industria do voto.

O Estado patriarchal

O Labor Party desequilibrou a balança dos poderes, na Inglaterra. Seu prestigio nasceu das dificuldades da liquidação da paz.

Baldwin e Lloyd George não encontraram, na sua experiência de governo, os elementos necessários para corrigir ou attenuar os efeitos internacionaes da guerra e a sua repercussão sobre o Império. Elles tiveram que enfrentar, depois de dissolvido o Ministe­rio da União, determinado pelo conflicto de 1914, crises successivas internas e externas. As perturbações da India e do Egypto, as reclamações dos Dominios, no terreno politico, o fechamento de diferentes mercados consumidores da producção britannica e a crise dos
salarios criaram uma atmosfera nova, um clima estranho para a politica tradicional inglesa.

Deante de tantas ameaças, houve necessidade de alargar o ambito do eleitorado nacional, afim de que elle participasse, de modo mais amplo, na constituição do governo. Era preciso extirpar o mal dos "sem trabalho". Era urgente encontrar uma formula capaz de estimular a riqueza nacional, tão prejudicada pelas condições do universo, depois de 1919.

Quando os "trabalhistas" assumiram o poder, pelo voto de um eleitorado inedito, na historia da Grã Bretanha, a grande preocupação era a de suprimir o "chômage". Havia, então, menos de um milhão de desoccupados. O sr. Mac Donald, com o seu enthousiasmo socialista, applicou os methodos do seu partido. Fez a nação pagar uma indemnização aos "sem trabalho". Sua esperança era a de que o proprio rhythmo das correntes economicas e financeiras internacionaes tomasse novo impulso, permitindo a conquista de mercados para os productos das machinas do Reino Unido. Em pouco tempo, desappareceriam,
dess'arte os sacrifícios do Thesouro. Gravado de impostos pesadíssimos, o povo inglez supportou a therapeutica trabalhistà, até setembro de 1931.

Mas a medicina do sr. Mac Donald, ao invés de curar a enfermidade, criou a doença chronica do “chômage” Em dois annos, cerca de tres milhões de individuos passaram à situação de pensionistas do governo. O Labor Party instituiria, sem o querer, a doutrina marxista do Estado patriarchal.

4 — A doença do “chômage”.

O “chômage” instillou, na circulação do sangue britannico, toxina equivalente a uma invasão leucocitaria. Os globulos brancos da desconfiança principiaram a devorar os globulos vermelhos do sangue britannico. A esquadra indisciplinou-se. A libra caiu. A aristocracia, mercê das formidaveis contribuições que gravam as heranças, empobreceu e empobrece cada vez mais.

O mundo precisa da saúde ingleza. Mas onde está o especialista genial, susceptível de conhecer um organismo tão extraordinario como o Imperio Britannico?
O marinheiro britânico e a greve da Home Fleet

A insubordinação das tripulações da frota inglesa, em Invergordon, deve ser apreciada como um dos indices mais graves da indisciplina moderna, instituída, creada e alimentada pelos governos socialistas, democráticos e liberais que o século XIX herdou aos nossos tempos. Ao examinar as causas e os efeitos desse movimento insolito dividiu-se a opinião média européia em dois partidos. Os extremistas procuraram tirar especiosas ilações revolucionárias, que as apparencias justificam. Os conservadores, praticando a sabedoria do avestruz, tentam disfarçar-lhe o aspecto sombrio, reduzindo-o, pelos enganos do prisma optimista, a um simples episódio que as leis militares podem corrigir.

"L'Humanité" arvorou, com as mais solenes galas, o pavilhão bolchevista, para sau-
dar os marujos da “Home Fleet”. As células communistas, de Paris, vislumbram, nesse espectáculo, o prologo de um drama em vários actos. E proclamam, no seu jornal: “Eis que a esquadra de Sua Majestade, pilar do poderio britannico, se rebella, por sua vez, e as suas equipagens reproduzem o gesto, entre todos glorioso, dos marinheiros do “Potemkine”.

A “Pravda”, de Moscou, illumina, também, as suas gambiarras. E, no estilo mystico dos prophetas russos, perora: “A sombra de Nelson esfuma-se e a do “Potemkine” levanta-se”. Será mister recordar que o “Potemkine” foi o couraçado que primeiro ergueu o pendão maximalista, em outubro de 1917? A imprensa liberaloide derrama água de flor de laranja sobre o nervosismo da sua clientela burgueza. Os socialistas da 2.ª Internacional esfregam as mãos, de contentes, e fazem prognósticos promissores sobre a próxima ruina do governo equivoco do sr. Mac Donald, met-tido, como um cordeiro pascal, na jaula dos lobos conservadores e das raposas liberaes.
Para se avaliar, entretanto, a origem da insubordinação de Invergordon, que é, aliás, uma réplica menos tragicamente de outros pronunciamentos realizados nas frotações inglesas até em face do inimigo, é necessário conhecer a organização naval da Grã-Bretanha. O marinheiro britânico, ao revés do francez ou do alemão, é um profissional. Recrutado pelo processo, tradicional na Europa antiga, do voluntariado, o marujo inglez é um verdadeiro funcionário da Coroa, a quem presta determinados serviços em troca de tais ou quais salários. Quando elle se engaja, realiza um contracto com o governo pelo prazo prefixado em lei. Sem duvida, o Estado pode modificar o regimen dos soldos, em casos de força maior. Mas os marinheiros, mercê do pacto feito, encontram-se, deante do governo, na mesma situação dos operários relativamente aos patrões.

As tripulações dos vasos de guerra gozam, assim, de privilégios impossíveis nas outras marinhas do mundo. Podem instalar cooperativas a bordo, mercar e fazer transacções comerciais dentro dos navios, libertando-se,
dess’arte, consoante as suas posses, das rações communs, dispensadas pelas autoridades. Fóra do serviço, não são obrigados a vestir os uniformes. E, "last but not least", são eleitores, a quem não se nega o direito de pertencer a qualquer partido ou agremiação política. Os marinheiros britannicos podem votar e fazer “meetings”, em favor dos seus candidatos ou de suas ideias. Perante a lei, nesse particular, elles são perfeitamente eguaes aos seus chefes e, na boca das urnas, suas cédulas disputam a precedencia alphabetica á dos almirantes e dos primeiros ministros.

Sua resistencia passiva não poderia, portanto, ser vencida pela aplicacao sumaria de penas disciplinares, como aconteceria em França, na Alemanha, no Japão ou na Italia, onde o marujo é um simples soldado. Os reclamantes de Invergordon estavam, pois, defendendo um direito, com certa vivacidade, da mesma sorte que os mineiros de Cardiff ou os operarios de Manchester. E tanto isso é verdade, que o Almirantado recebeu as suas queixas e dispoz-se a interromper as grandes manobras navaes, para informar o gabinete do sr. Mac Donald sobre o assumpto em litigio,
Parece, desde logo, que as reducções dos soldos, na marinha ingleza, não obedeceram a um criterio escoimado de vicios. Emquanto os officiaes soffriam uma diminuição maxima de 12%, os “inferiores” experimentavam cór­tes de 25%, nos seus salários. Nos seus pro­testos, declararam ellles que não seriam capa­zes, dor’avante, de sustentar as suas familias. Faltar-lhes-iam os meios mais rudimentares de subsistencia. Por isso, pediam ao governo a revisão equitativa das tabellas orçamen­tarias.

O medo é mau conselheiro. Premido pelas contingencias, o gabinete de Londres fez obra apressada. Esqueceu-se de adaptar as fórmulas abstractas da mathematica ás fór­mulas vivas da realidade. Economizou libras suprimindo pães. E os marinheiros de “In­vergordon”, seguindo espontaneamente as leis da gravidade que regem o caracter britannico, insubordinaram-se respeitosos, deante da ban­deira de Nelson, cantando o “God Save the King”, para justificar a sua indisciplina. Os calculadores officiaes do Thesouro britannico poderiam, talvez, ter evitado o espanto desse contraste.
Edgar Vincent, Visconde d’Abernon, na multiplicidade dos seus pendores, na riqueza complexa da sua substância intelectual, nos vários dons que reflecte a sua personalidade, reincarna aquelle espantoso typo do “honnête homme”, maravilha do seculo XVIII e suprema elegancia do “bon vieux temps”. Na época da machina, da synthese e da especialização, esse espirito inquieto, que poderia ser apenas um profundo economista, um philologo atilado, um archeologo sagaz, um diplomata ou um politico de partido, somma, ao revés, todas essas qualidades, culmina em cada uma dessas categorias, conservando-se, entretanto, um puro espirito especulativo.

Lord d’Abernon é um encyclopedista, que sabe temperar com ironia o rigorismo dos theoremas e põe a duvida ao lado da verdade,
Ao contrário de muitos ingleses superiores, esse scholar subtil não acredita na divindade do papel impresso. Escriptor dos mais penetrantes de seu tempo, o autor do “An Ambassador of Peace” sabe que o melhor estilo de um livro está na intensidade do caracter que elle revela. Esse amigo dos gregos conhece a viril sedução da simplicidade.

Ha, em muitos espíritos saxões da mais alta linhagem, uma certa feminilidade que os homens do Mediterrâneo greco-latino, tão accusados desse defeito, não possuem nem revelam. O lyrismo de Shelley, a versatilidade de Chârsteton, a docura brumal de Keats adormecem a imaginação, depois de excital-a. A poesia ingleza é, talvez, a mais incorporea e, por isso mesmo, a mais pura da Europa. Um soneto de Shakespeare é uma luz. Um soneto de Dante é um crystal onde a luz se refrange.

Lord d’Abernon, pelo realismo da sua obra, se approxima dos homens do Renascimento. Esse banqueiro, que discute leis de philologia, classifica uma tela ou um bronze, conversa no salão, prepara tratados de com-
mercio, domina os sports, e é, simultaneamente, um technico de finanças e de problemas de agricultura e pecuaria, parece mais um filho da Toscana ou do Veneto que um doutor de Oxford.

As paginas do Diario do Visconde d'Abernon, recentemente publicadas, relatando a crise que se prolongou de Spa a Rapallo, mostram um dos maiores psychologos da Europa. D'Abernon joga, ahí, com todas as armas do seu grande espirito. Seu retrato do povo allemão, por exemplo, em contraste com o francez, o austriaco, o bohemio e o polono, é de uma precisão digna do desenho de Durer. Servindo-se de um processo directo, que recorda o schema dos laboratorios de anthropologia, Lord d'Abernon reconstitue, com os dados sommaticos entrevistados e colhidos na multidão, os caracteres individuaes. O homem reponta, de improviso, da massa. "Dizem que o rosto allemão constitue a unica tentativa feliz, até agora feita, de quebrar o circulo, pois é, ao mesmo tempo, quadrado e redondo." Nessas duas secções lineares estão marcados os traços do germano: a força e o mysticismo.

Esse homem, esse “honnête homme”, que deveria ser um sceptico, um amável realtivista, sabe amar e, talvez, odiar. Ainda, aqui, se mantém a tradição do Renascimento, do realismo florentino, inimigo da metaphysica sorbonicola. Só um homem que avalia o preço do amor e do odio seria capaz de acreditar com entusiasmo. O Pacto de Locarno, para cuja realidade Lord D’Abernon tanto trabalhou, é um signal generoso da sua fé.
A Almanaha e o seu navio Fantasma

Estou seguro de que os meus leitores perdoarão a nota “bellicosa”, que tanto se insinua e transparece nestas minhas correspondencias de Paris. Eu desejaria contar-lhes, por exemplo, a polemica violenta, agora travada entre os modernistas, conduzidos por Lhote, e os conservadores, dirigidos por Hávely e J. Emile Blanche, a proposito da exposição retrospectiva da obra de Degas, reunida no pavilhão de l’Orangerie. E o meu prazer não seria menor, se me sobrasse oportunidade para transmittir, aqui, as minhas impressões acerca de umas inquietantes “naturezas-mortas”, de Picasso, de alguns retratos de Marie Laurencin ou da partitura deliciosa, com que Honegger desenhou musicalmente os versos do Amphion, de Paul Valery.
Mas um rumor de tambores cobre as vozes amáveis da poesia, nesta Europa saturada de rancor e desconfiança. Os livros da moda, em verdade, são as cadernetas de mobilização. Sem esquecer toda a sorte de memórias secretas, correspondências confidenciais, documentos reservados e revelações sobre os “mysterios da guerra”. Ha um estado de panicul latente, de que são testemunho as recentes instruções, dictadas pelo governo ao chefe de polícia de Paris, para “estudar e assentar definitivamente as medidas adequadas à defesa da capital, no caso de subita agressão aérea, por aviões conductores de bombas e torpedos carregados de gazes asphyxiyantes.”

O parisiense, que lê os vaticinios de Daudet ou de Maurras, na Action Francaise, ou os do sr. Coty, no Figaro, terá duvidas sérias sobre a tranquilidade com que, na manhã seguinte, tomará o seu café e comerá o seu “croissant”. Nestas ultimas semanas, particularmente, o nome que anda em todas as bocas não é, sem duvida, nem o do sr. Briand, nem o de Hoover, nem o de Bruening. E’ o do couraçado Deutschland. Mas, afinal, que
representa esse modesto “couraçado de bolso”, construído consoante as exigências estrictas do Tratado de Versalhes, cuja tonelagem é a de um discreto cruzador? Que medo provoca esse barco de 10.000 toneladas, cujas características são de tal monta que, no Senado de França, o relator do orçamento da Marinha preconizou o imediato lançamento de uma unidade de 27.000 toneladas, apenas para contrabalançar o perigoso engenho dos estaleiros germanicos?

Referindo-se à campanha da imprensa franceza, que exige unanimousemente a inutilização ou a entrega dessa unidade da frota alemã, escreve a grande revista de construções navaes do Reich, Der Schiffbau:

“Quando a Entente limitou a 10.000 toneladas o deslocamento das maiores unidades de guerra concedidas à Alemanha vencida, foi evidentemente baseada na convicção de que lhe seria, technicamente, impossível realizar, dentro de proporções tão exiguas, um navio couraçado utilizable, e que a Alemanha renunciaria, por
isso mesmo, ao propósito de construí-lo. Deu-se, porém, o inverso. A Alemanha encontrou, mân grado tudo, e a despeito do “Diktat” de Versalhes, meio de criar um couraçado respeitável: isso bastou para despertar um espantoso rumor na floresta da imprensa estrangeira. Os olhos do mundo estão fixos no primeiro couraçado que a Alemanha construiu depois da guerra. Sob certo aspecto, esse navio pode tornar-se tipico. O momento parece particularmente azado para que o estrangeiro reconheça depressa a necessidade urgente de libertar o Reich dos grilhões de Versalhes.

Não se conhece bem, até agora, a estrutura do novo couraçado. Conjecturam-se cousas extraordinárias, a respeito do seu poder ofensivo e defensivo. Fazem-se cálculos que raiam pelo milagre. Suggerem-se hipóteses que orçam pelas fantasias de Julio Verne e Wells. Vale, entretanto, citar a opinião de sir Herbert Russell, em artigo sensato, que acaba de publicar, na “Naval and Military Record”, de
julho corrente. A autoridade excepcional do técnico dispensa maior comentário. "O raio de acção do novo navio allemão, escreve sir Herbert, é o de um esplendido cruzador de alto mar, um "super-Emden". Mercê da sua velocidade e do seu armamento “Deutschland” será capaz de destruir comboios inteiros. Os cruzadores que, normalmente, compõem a escolta desses comboios, não poderão oferecer-lhe resistência, com os seus canhões de 203 mm. e de menor calibre ainda."

Reconhece o perito inglez que a Grã-Bretanha possue ainda três grandes cruzadores de batalha (aliás antiquados) susceptíveis de constituir uma replica efficaz a esses navios. Mas se, porventura, os empregasse, perderia a frota britannica sua única divisão ligeira. "É preciso considerar o “Deutschland”, remata sir Herbert, como a ameaça mais formidável que jamais se imaginou contra o comercio oceanico. O perigo submarino foi largamente neutralizado pelo sistema dos comboios. Este, ao revés, ministraria ao navio allemão suas melhores oportunidades de acção. Manobrado com pericia, á guia do “Emden”, elle seria
capaz de causar o maior mal às comunicações marítimas.

Como se vê, a famosa orchestra do Tratado de Versalhes, com os seus pifanos escoceses, as suas gaitas da Sicília, os seus saxofones de Nova York e os seus violinos de Paris, plagiou escandalosamente o velho Wagner. Do seu primeiro concerto sahiu, inesperadamente, o navio fantasma.
Hitler e o novo mappa da França

Os pan-germanistas sempre gostaram da propaganda pelo cartaz colorido. Os mestres propugnadores da Grande Allemanha, antes de 1914, não se contentavam com a literatura voraz de Chamberlain, Ludwigg Voltmann, von Der Goltz e demais prophetas da decadência latina. Para convencer o pequeno Fritz dos milagres reservados, por Gott, ao Germano, elles começavam por illuminar as paginas de suas modestas cartilhas primárias com os mais evocadores desenhos imperialistas. Cada consoante e cada vogal, nesse alfabeto do orgulho, sugeriam a fabula de um heroe nacional, a imagem de um deus legendario, nascido a beira do Rheno ou do Baltic. Cada abecedario era, assim, um catallogo das glorias raciaes. Debaixo do A via o pequeno Fritz aparecer o grande Attila,
com as suas legiões de Hunos, tão louvados nas orações do Imperador. O B fazia surgir os cenhos carregados de Bismarck. Por entre as barras do H repontavam os elmos e as couraças dos Hohenzollern. A barca e o cysne de Lohengrin fluctuavam na moldura do L. O M fingia uma sebe de louros ou quatro espadas, com as pontas para o ar, de onde se erguia a cabeça vulturina de Moltke. O P era Parsifal. O V era Votan. E assim por diante. Junto à lareira da sua casa aldeã, o pequeno Fritz adormecia, nas longas noites do inverno, seguro de que os gigantes dos Contos de Grimm continuavam a dominar o planeta, assentados ao redor do throno de Potsdam.

Recordo-me de ter visto, em 1913, numa estação ferroviária da Alsacia, uma dessas cartas em que se exhibia, em todo o seu ingênuo cynismo, a topographia universal dos pan-germanistas. O mundo inteiro, segundo a fantasia do cartographo, parecia atacado de fócos de escarlatina. Todos os continentes mostravam zonas de pigmento avermelhado, indicadoras da influencia ou da soberania germa-
Essa erupção imperialista se alastrava pela Europa, Asia, Africa, Oceania e, mirabile dictu! pela America. Ao lado de Marrocos, de Kiau-Tchau e do Cameroun figuravam, atacados também dessa lepra encarnada, os nossos Estados de Santa Catharina e Rio Grande do Sul. Como o pacato camponez de Felippe 2.°, o pequeno Fritz poderia dizer que o sol não se punha nunca, no vasto Império Alemão.

O pequeno Fritz cresceu e multiplicou-se. E, numa tarde quente de agosto do ano de 1914, depois de dizer adeus á sua gorda Margarida e beijar os cinco pimpolhos corados de sua ninhada, tomou a lança de uhlano e montou no cavallo guerreiro, ao som da fanfarra jovial. Sua mochila, tão recheiada de sabrosas delikatesssn, de salchichas e tortas de maçã, preparadas com arte domestica, certamente não se esvasiaria em duas semanas. Beberei á tua saúde e comerei, em Paris a última salchicha do meu farnel — gritou elle para a mulher, quando o seu regimento passava entre filas de alegres veteranos de 1870.

Mas Fritz não voltou. Fritz não teve o gosto de saborear aquelles vinhos da Cham-
pagne, que o seu amado Príncipe e os seus pe­sadosgeneraes enguliam nos castellos desolados de França. Ao voltar de um reconhe­cimento, numa noite de setembro, sua patrulha foi surprehendida por um solerte posto de metralhadoras. Paris estava longe. Fritz não bebeu á saúde de Margarida. Só teve tempo de rolar da montaria, de repente, e afundar nos charcos do Marne, como um fardo que se despenha. De todos os seus sonhos, povoados de deuses e heróes, ficou apenas uma espuma avermelhada frisando, por alguns instantes, as aguas indiferentes do rio. Foi com essa tinta que os pan-germanistas pintaram a sua derrota. A experiencia do velho Fritz não aproveitou aos novos. Volvidos dezesseis annos o Fafner imperialista sáe, outra vez, da sua ca­verna. De capacete de aço, a cauda e as ares­tas da crista afiada, as garras promptas para enfiar nos socialistas e nos bolcheviks, Fafner chama-se agora Hitler. Elle quer, de novo, guardar o ouro do Rheno, e olha para Stras­burgo. Pelas velhas cegonhas da Alsacia, o chefe manda saudades a Fritz, perdido na mi­
noría germanica das províncias reconquistadas.

Suas lembranças fieis vibram num cartaz de propaganda pangermanista. É um mappa da França, em 1935. E que será a França, para os pan-germanistas do Segundo Império Allemão, no anno da graça de 1935? Antes de examinar a carta geographica intensamente distribuída agora pelo Reich, considere o leitor que, neste momento, para auxiliar as finanças enfermas do sr. Bruening, o Tesouro Francez soffre uma sangria de centenas de milhões de francos. Ora, pois, dentro de quatro annos, consoante a data prefixada, perderá a França todos os seus littoraes marítimos, e uma imprevista Suissa gauleza repetirá, a oeste da Europa, o exemplo da Polonia, no seculo XVIII. Do Havre a Dunkerque e desta cidade até ás Boccas do Rhodano se tenderá o futuro imperio Germanico. Os Departamentos do Var, dos Alpes Maritimos, dos Baixos e Altos Alpes e da Savoia passarão ao dominio da Italia. A Catalunha avançará até os Pyrineus, dilatando-se ao Herault. De Calvados a Landes, toda a costa do Atlântico

**O S. O. S. do Reich e a Europa ansiosa**

Desde as últimas semanas de julho de 1914, não conheceu a Europa uma série de dias mais angustiosos que os actuaes. Tem-se, aqui, a dolorosa impressão de que a guerra se transferiu das trincheiras para os mercados e os bancos internacionaes. As sementes de odio, lançadas pelos negociadores do Tratado de Versalhes, começam a frutificar. Por debaixo das frageis raízes da arvore da paz, ouve-se um rumor de sapadores tenazes, empenhados em preparar o terreno para as suas minas explosivas. É triste considerar que a oliveira de Wilson não chegou a florir. Mal os seus ramos repontaram, cobriu-se a verdura dos brotos e renovos da herva de passarinho de uma diplomacia conduzida pelas especulações de bolsa da alta finança israelita.

O armistício de 1918 despertou, nos países vencidos, mercê das imposições franco-italo-
britannicas, oriundas do desejo natural de evitar novas calamidades, uma febre irremediável de nacionalismo feroz. Os húngaros queixam-se dos rumenos. Os austriacos invectivam os tchecos. Os turcos murmuram surdamente contra os gregos. Os russos olham de soslaio para os polacos. Os yugo-slavos se entredevoram, agitando-se contra a dictadura de Belgrado. Berlim aggride Paris. E todo o continente europeu, com exceção talvez da Italia, que procura tirar o melhor partido de toda essa confusão de povos e governos irritados, clama, unisono, contra os anglo-saxões de Londres e de Washington.

Affirmar-se, portanto, como fazem alguns jornalistas ingenuos do velho mundo, que a paz está em perigo é jogar com palavras inúteis. Em verdade, a paz não existe. É apenas uma vigilia ansiosa, em que, por falta de confiança num prelio de armas, os homens se guerreiam abertamente, a golpes de tratados, de convenções e de accordos ephemeros, cujo primacial proposto é o de ganhar tempo, enquanto o capitalismo desesperado procura o
ensejo, o momento azado para reabrir o açougue da carnificina humana.

Depois de três anos de conversas entre as chancellarias e as super-chancellarias, que se chamam o Banco de França, o Banco da Inglaterra, o Banco do Reich e o Banco dos Estados Unidos, depois de Locarno, do Plano Dawes e do Plano Young, verifica-se a propriedade do autor da “Grande Illusão”: De nada valeu a vitória nos campos de batalha. A guerra venceu, ao mesmo tempo, vencedores e vencidos.

Apesar das terríveis sanções do Tratado de Versalhes, tão excessivas que as destruiu a própria demasia das suas exigências, observa-se este facto espontaneo: As reparações não foram pagas. Pelo menos, não foi com as reservas da sua própria economia que a Alemanha saltou, até agora, os seus compromissos para os ex-aliados. O famoso conselho do Dr. Schacht foi seguido à risca pelos dirigentes de Berlim.

Um estudo financeiro, que não procede de fonte oficial, mas do Midland Bank, um dos maiores bancos ingleses, mostra como o Reich
manobrou, após a guerra, para não pagar nunca as sommas devidas aos seus credores. O Reich pediu-lhes sempre, por empréstimos sucessivos, tanto ou mais daquilo que devia pagar-lhes, e, quando se vencia o prazo para descontar as letras dos referidos empréstimos, o devedor declarava-se falido.

Até o fim de 1929, expõe o Memorandum do Midland Bank, a Alemanha solicitára do estrangeiro, principalmente para fazer face ao serviço das suas dívidas de reparações, mais de 400 milhões de libras sterlinas, a longo prazo, e cerca de trezentos milhões, a breve termo. Ora, de 1927 a 1929, se a balança deficitária do comércio alemão accusava uma baixa de 350 milhões de libras, os pagamentos das reparações, durante esses três anos, subiam a 290 milhões de libras dos quais 120 milhões de mercadorias. De sorte que, é claro, o Reich não procurou jamais desobrigar-se das reparações com os seus recursos próprios, mas recorreu, para isso, ao jogo dos empréstimos. O dinheiro necessário, para o cumprimento das prestações dos planos Dawes e Young, foi sempre fornecido pela França, Inglaterra e
outros países. As dívidas oriundas da guerra subsistem ainda, sob fórmas e denominações diferentes.

Commentando esse modo singular de satisfazer os seus débitos, pelo qual se notabilizou o Reich, diz o sr. Camillo Aymard, em "La Liberté": A Alemanha pagou as suas dívidas com o dinheiro dos seus credores. A comercialização da primeira quota do plano Young é a última prova do sistema: o prestatista francez, pobre carneiro impellido sempre para o matadouro, deu ao Tesouro alemão tanto, ou mais, do que aquillo que o Tesouro alemão entregou à França. E o Reich abre, de novo, fallencia.

"Ora, o que nos pedem hoje? Que recomeçemos, novamente, a manobra, que empres-temos mais algumas dezenas de billhões áquelles que já desviaram da nossa economia outras dezenas de billhões. E para que, afinal? Para que o Reich possa, com maior segurança, acabar de arruinar a nossa industria, graças ao "dumping" alemão, associados ao "dumping" soviético. Para que o Reich possa ultimar um armamento formidável, em via de construção,
no mar, nos ares e em terra, e aliado aos So-
viets, seja capaz de nos devolver amanhã, em
forma de obuzes e gazes asphyxiantes, os
nossos billhões.

“Numa palavra, roga-se aos carneiros que
entreguem a lã, para permittir ao açougueiro
a compra da faca destinada a cortar-lhes o
pescoço.”

Deante de tudo isso, Candido perderia o
optimismo. Mau grado as nossas revoluções
e os nossos sacrifícios a America tem ainda
trechos de céu azul, de um azul que a Europa
só encontra, agora, nos pratos de Delft e nos
olhos das “girls” curiosas, que são as unicás
creaturas capazes de rir, neste verão gelado
e melancolico.

Sabe voce, leitor amigo da Praia de Bo-
tafogo, de Sao Clemente ou Copacabana, qual
é o brinquedo da moda na Allemanha? São
mascaras de todos os formatos e de todas as
côres contra os gazes asphyxiantes. Brin-
quedos semelhantes ao D. Quixote ou aos con-
tos das “Mil e uma noites” Servem para
todos os sexos e todas edades. E, além do
mais, são uteis, segundo as circumstancias.
A correspondência secreta de Bulow e Guilherme II

O nome de Bulow, do chancellor famoso do Imperio Allemão, que o Kaiser elevou à dignidade de Príncipe, depois da conferência de Algesirias, mercê da derrota de Delcassé, está na ordem do dia da chronica política européia, desde a publicação de suas ruidosas “Memórias” Esse Bismarck de “velludo”, como lhe chama o sr. Maurice Muret, sucessor do chancellor de ferro, viveu num permanente “flirt” de oito annos com o seu irrequieto e fantasista Imperador. Desde 1897, Guilherme o namorava e o requestava, para convertê-lo, afinal, em conselheiro intimo, em confidente de todos os planos da “Grande Allemanha” Ich adoriere ihn, eu o adoro, dizia o Kaiser, nessa época, em carta particular ao seu fiel commensal, o principe de Eulenburg, que um processo escabroso tornaria celebre, annos depois.
Não se sabia, entretanto, o grau extremo de intimidade a que chegaram, nas suas relaçõe, o Imperador e o Príncipe. A política exterior do Imperio, nos seus lances mais arriscados, parecia obra do taciturno barão de Holstein, a "esphynge dos Negocios Estrangeiros", a "eminence grise" da Wilhelmstrasse. Dizia-se, e ainda o repetem os amigos do terceiro chancellor, que Bulow era um caracter doce, um temperamento plastico e tinha horror aos conflictos armados. O proprio Bulow, aliás, tenta confirmar tal juizo, em varios passos dos quatro alentados tomos em que descreve a sua actividade social e politica, sob o signo do Kaiser. E não se arreceia até de assegurar que, se porventura estivesse á testa da Chancellaria, no mez de julho de 1914, teria evitado a guerra.

Aos que se mostram incredulos, acodem os admiradores do Principe com toda a sorte de argumentos em apoio dos sentimentos pacificos do "Bismarck de velludo" Bulow era, segundo esses testemunhos posthumos, um senhor amavel, que detestava os potes de cerveja e preferia os vinhos da Borgonha aos fer-
mentos da cevada de Munich. Seu coração, longe de ser o de um paladino, era o de um seraphim macio e polido. A Holstein deverão caber todas as culpas do exasperado pan-germanismo da Wilhelmstrasse. E porque? Porque mysteriosos motivos um sêr crepuscular, que o sr. Ludwig reduziu a uma entidade viscosa, conseguiu prender e dirigir uma criatura solar, como Bulow?

Refere o sr. von Schmidt-Pauli, num livro recente de apologia monarchista, que Holstein, amigo fervoroso das delações e das fichas, conhecia perfeitamente certos pormenores mortificantes acerca de uma pessoa muito próxima do chancellor. Em virtude dessa inquietante “ficha de família”, o Príncipe ficou inteiramente nas garras do barão, como diria Ponson du Terrail. O terror do escândalo, accentua von Schmidt-Pauli influiu, de 1900 a 1908, nas directrizes de Bulow. E a preiosa paz, naturalmente, se perdeu, por falta de um anjo, capaz de evitar as tentações do demónio no lar do Chancellor.

Mas a inesperada “Correspondencia Secreta de Bulow e Guilherme II”, que o editor
Grasset acaba de lançar, com espantoso sucesso, no mercado de Paris, veio destruir a imagem bucólica do comparsa imperial. Bulyow foi o vigilante conselheiro de todas as maquinações do Kaiser. Approvou a entrevista de Bjoerkoe, de onde saiu, para fracassar irremediavelmente, o pacto confidencial da aliança russo-germanica. Approvou a absorpção da Bosnia e da Herzegovina. Approvou os planos da estrada de ferro Berlim-Bagdad. Instigou o Kaiser a realizar a celebre viagem a Tanger, de onde surgiriam as complicações que aggravaram as suspiçâncias entre Londres, Paris e Berlim e determinaram a atmosfera carregada, que veio a produzir a sanguieira de 1914-1918. Approvou, em summa, todos os caprichos do soberano, para que este não se arrependesse da confiança depositada no seu “caro Bernardo”.

Todavia, essa interessantíssima “correspondência secreta”, que deve ser lida e meditada na integra, porque revela o avesso da diplomacia moderna, dirigida pela alta finança internacional, deixa transparecer algumas verdades capitães: 1.) a Alemanha estava dis-
posta a dominar o mundo, ou forçando a participar do seu jogo a Russia e a França, ou separando Paris de S. Petersburgo, para dividir os prováveis adversários e abatê-los mais facilmente; 2.ª) a Alemanha visava, particularmente, a Inglaterra, afim de se apoderar, pela violência das armas, de combinação com um largo sistema de tratados solertes, de um vasto imperio colonial, na Asia, na Africa e, possivelmente, na America; 3.ª) a Alemanha premeditava, desde 1905, a invasão da Belgica sem declaração de guerra e a humilhação da França, pelo terror ou pela sedução de propos tas sibylinas.

Para esclarecer o nosso comentario, convém destacar este pequeno trecho da carta que, a 30 de julho de 1905, Bulow escreveu ao ministro dos Negocios Estrangeiros do Império:

"Se a Inglaterra, de qualquer modo, nos atacar, faz-se mistér que Vossa Alteza envie logo um telegramma a Bruxellas e outro a Paris, com um ultimatum para uma declaração, a favor ou contra nós, em seis horas. Entraremos imediatamente na Belgica. No que respeita à França, é necessário saber se ella fi-
cará neutra (o que é pouco verosímil mas não impossível): não haveria ensejo, então, de se produzir o casus foederis com a Rússia. Se a França mobiliza, é uma ameaça de guerra dirigida contra nós, em proveito da Inglaterra; é preciso, então que os regimentos russos marchem comosnoso, e eu creio que a perspectiva de se baterem e de se entregarem ao saque na bella França, constituirá pabulo suficiente para os atrair. No momento, poderíamos ver se não seria possível oferecer uma compensação à França, para que ella se comporte bem, como, por exemplo arredondar o seu território, em detrimento da Belgica; isso compensaria a Alsacia-Lorena”

Talvez o príncipe de Bulow não quizesse a guerra, como proclamam os seus amigos e elle proprio affirma. Talvez a sua theoria, bem diversa da de Bismarck, fosse a de arrebatar os despojos, com “mão de velludo” Mas ninguém poderá mais duvidar, depois de ler a sua correspondencia secreta, que elle considera o mappa da Europa com o criterio de um general prussiano. Para elle, as cartas geographicas tambem se desenhavam com a ponta da espada.
Archiduque Sinistro

balanço da semana tragic de julho de 1914, que iria determinar, com a guerra, a exasperação do cyclo da machina e a con- demnação do empirismo scientificocista do se­ culu XIX, está na ordem do dia. A publicação dos archivos secretos de Berlim, de Vienna e S. Petersburgo, os estudos emocionantes de Churchill, de Ludwig e o recente livro de Adler, sobre a conspiração de Seravejo, representam um esforço de pesquisa honesta, para desbrea­ var os caminhos da historia, já de si baralha­ dos e confusos, da espessa floresta de erros e juizos falsos, acumulados pelas secreções dos odios nacionalistas.

Evidentemente, muita tinta correrá ainda, sobre a controversia enganosa das “responsa­ bilidades” do conflictio. O particularismo en­ tranhado dos povos europeus não permitirá,
tão cedo, qualquer julgamento isento de suspeita ou parcialidade. O sofrimento é mão juiz. Francezes, alémnes, russos, austriacos e inglezes, difícilmente, poderão alheiar-se do meio circunstante, em que mergulham, ou da pressão dos acontecimentos e lembranças mortificantes, para reconhecer a natureza dos fenômenos perturbadores da paz, no Velho Mundo.

Attribuir a guerra ao Kaiser, à política absorvente da Áustria, ao pânico do estado-maior tzarista ou ao retardamento da intervenção psicologica da Gran-Bretanha, equivale a jogar com as cartas facéis da aparência. A guerra foi apenas uma diathese do "liberalismo economico" da Europa. Antes de ser declarada, já estava ella em acção potencial. Seus principaes autores, os que prepararam, durante varios annos, o seu ensaio geral, nos campos de manobras diplomáticas e militares, foram os barões de Essen, de Armstrong, de Crezout, os industriaes e os senhores das Bolsas occidentaes.

Os imperadores, forrados de ouros e esmaltes, os presidentes, revestidos de funebres
casacas, associaram-se à empresa, como simples accionistas de uma vasta sociedade exploradora de carne humana. Deante da dynastia judaica dos Krupp, a linhagem dos Hohenzollern fazia figura de comparsaria modesta. Os verdadeiros “heróes” dessa espantosa cavalaria sangrenta estavam nas suas fôfas poltronas de commerciantes e especuladores. A guerra foi, assim, uma consequencia da politica de imperialismo instinctivo, que substituira, nos governos, a intelligencia pelo primado da força, a noção de “qualidade” pela noção da “quantidade”.

Entretanto, toda essa complicada politica internacional, cujos fios serão, talvez, desembaraçados por nossos bisnetos, não me interessa, propriamente, neste instante. Das polemicas actuaes, em torno de tal problema, reponta a mascara de um homem, que deve prender a nossa atenção. Esse homem é o archiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do throno dos Habsburgos, sacrificado pelo irredentismo servio.

Pude penetrar o caracter desse princepe fatal, visitando-lhe a morada preferida, num
bosque de pinhaes escuros da Tchecoslovaquia. O castello de Konopischt, nos arredores de Pra­
gga, revelou-me, de subito, a alma dramatica
de uma personagem digna da atmósphera do
teatro grego. A physionomia do homem gra­
va-se, indelevel, no seu ambiente familiar, co­
mo a das plantas e a dos animaes no calcareo
das rochas terciarias. A casa é uma impre­
gnação da nossa substancia essencial. Nin­
guem comprehende Versalhes, sem Luiz XIV
Ninguem comprehende Mazarino, sem as hu­
midas galerias do Louvre. As reminiscencias
de Napoleão, no Grand-Trianon, produzem o
efeito de uma “restauração” infeliz na patina
de um velho quadro. O artificio da “super­
posição” accusa violentamente o contraste in­
esperado.

Konopischt é um solar do século XIII. Suas muralhas têm o peso e a significação da pedra medieval. Repousam na terra, entra­
nham-se no “real”, para melhor aspirar á eter­
nidade. A massa architectonica, pelo seu vo­
lume concentrado que supprime a fantasia de­
corativa, é uma provocação ao sentimento do “ephemero” A lei espacial rege essa sympho-
nia de granito massíco. A ideia de “duração” foi, ali, totalmente absorvida pela categoria do puro espaço. Era natural, portanto, que um Habsburgo escolhesse tal situ, para saturar-se da sua tradição imperial.

Enganar-se-ia, contudo, quem puzesse o caracter do castellão de par com a fachada grave do solar. O interior desmente e contraria aquella aspiração de eternidade, que lhe imprimiriu o obreiro antigo. O castello de Konopischt é o museu da morte. A vida do arquiduque foi uma continua caçada. Torturava-o, sem duvida, o sentimento do ephemero. E elle destruia a vida, para conservar a fórm a inerte dos sêres. Francisco Ferdinando rodeava-se de armas e cadáveres. Por todos os corredores, ante-camaras, salões e aposentos, nas salas de comer e nas salas de dormir, o principe convivinhava com a morte. Seus olhos reflectiam uma floresta de chifres, guampas e galhadas. Elle acariciava a esposa e beijava os filhos, ante os focinhos mumificados de trezentos mil espectadores sinistros. Sómente a sua mão abateu seis mil veados de todos os tamanhos!
A existência do archiduque é uma verdadeira euforia destruidora.

Francisco Ferdinando, cavalleiro corpulento e pesado, tinha horror à agilidade. O perfil do gamo elegante, varando, celere, a bruma das manhãs outonais, nas selvas do Danúbio, abria-lhe o apetite da morte. Quem poderá imaginar a angústia com que esse doloroso príncipe viu saltar, rápido como um veado, o seu caçador inflexível, na “espera” impiedosa de Serajevo?

Francisco Ferdinando acreditaria, nesse instante, na moralidade da metempsychose?
O Governo dos Soviets realizou, em Moscou, a 1.º de maio último, uma grande parada militar, para commemorar a festa da "Paz e do Trabalho". Pela descrição feita nos jornaes vermelhos, os logros famosos da ideologia marxista não poderiam alcançar maior e mais retumbante confirmação. Essa festa da "paz e do trabalho", que não tem, para justificar-a, nem o merito da novidade, pois é grosseira parodia das allegorias da Revolução Franceza, depara, entretanto, um aspecto singular. No tempo de Robespierre, os "sansculotte" vinham para as ruas com espigas de trigo nas mãos tintas de sangue, as padeiras e as tripeiras conduziam ao altar da deusa Razão todos os dons de Pomona e Flóra. E a linguagem dos discursos e das proclamações era puramente convencional. Pregava-se a
panacéa da liberdade, egualdade e fraternidade, deante da guilhotina. Assassinava-se todo o mundo, mas “en douceur”

Os Soviets, porém, perderam o sentimento das conveniências. Instituídos para a destruição do nacionalismo, do capitalismo e do militarismo, os Soviets exibem, com sereno impudor, o mais violento “patriotismo”, o capitalismo mais furioso e o militarismo mais desesperado. Presentemente, não há, em todo o mundo, Estado mais jacobino, mais rico e mais armado que a Rússia. Basta referir que o exército vermelho, cujas reservas, segundo a insuspeita avaliação da “Berliner Illustrirte Zeitung”, atingem, ao serviço da paz, 1.200.000 homens, equivale às forças reunidas de todas as potências europeias.

Esse exército é a joia da Russia bolchevista. Por elle e para elle fazem-se os mais duros sacrifícios. Para mantê-lo e desenvolvê-lo, para alimentar os crescentes tentáculos desse polvo monstruoso, o comunismo da central moscovita suprimiu todas as prerrogativas do homem: a propriedade individual, a liberdade de pensamento, os laços de família, o
patrio poder, o direito de reunião, o direito de greve, as mais sagradas conquistas do proletariado. Para fardar bem o soldado, cobrir-lo de pelles custosas e encher-lhe o corpo de vinho, durante o inverno, o camponez e o operário são obrigados a trabalhar quatorze horas diarias. Para conservar essa milícia pretoriana, Staline escravizou milhões de sôres acovardados deante do poder, deante dos canhões, das metralhadoras, dos tanks, dos gazes asphyxiantes e, sobretudo, das masmorras e dos fuzis implacáveis do “G.P.U.”

Vale transcrever aqui algumas passagens do jornal “Izvestia”, órgão do partido stalinista, acerca da parada de 1.º de maio:

“A cavallaria e a infantaria das formações regulares — soldados maravilhosamente dextros, dispondo das melhores e mais modernas armas automáticas — alternavam com o exercito, perfeitamente instruído, dos estudantes da “Ossoaviachime” (Associação militarizada para o desenvolvimento da Aviação e das pesquisas chimicas dos “Komsomols” (juventudes communistas), dos pioneiros, etc.
Era a revista das forças militares pertencentes a três gerações, gerações cheias de entusiasmo, sabendo de que lado dirigir os seus golpes e o objectivo da luta. Quando o desfile terminou, ouviu-se, ao longe, um rumor de motores, e surgiram os tanks ligeiros, semelhantes a escaravelhos cinzentos. Apparecia, em seguida, uma fila interminável de autos blindados, grandes tanks e canhões montados sobre tractores. No céu, voavam, bem alinhados, dezenas de aeroplanos. Logo que estes desapareceram, uma esquadrilha de avioes de caça começou a executar acrobacias. Essa parte “mecanizada” da revista mostrava o concurso que a technica bolchevista pres-ta à vontade combativa da U.R.S.S. e como a industrialização socialista do paiz contribue para augmentar a sua força militar.” (Izvestia, 4 de maio de 1931).

Essa parada, todavia, não se limitou à capital. Durante horas e horas, desfilaram tropas em Leningrado, Kazan, Tachként, Odessa, em todas as grandes cidades da Russia, do Mar
Negro ao Mar Branco, das fronteiras europeias às fronteiras asiáticas. Staline, o domador, quiz mostrar assim, aos seus milhões de escravos, que a sua guarda vermelha estava ali, para rondar as jaulas.
A fome da abundancia, molestia do mundo

A civilização da quantidade atinge, agora, o grau do desespero. A máquina acabou por absorver o homem, destruindo o fundamento racional das categorias sociais, corrompendo o senso das hierarquias, absorvendo o indivíduo, que era a base de todo o sistema da civilização cristã. Entramos no crepúsculo do machinismo feudal. Nessa nova cruzada do "cavallo-vapor" verifica-se, entretanto, um fenômeno singular. Os próprios barões e senhores que a organizaram, provocando os "trusts" e as grossas especulações de Bolsa, estão na iminência de se confundir, também, nas intermináveis mesnadas humanas, trituradas pela servidão mecanista.

O signo do gotico de ferro domina o período moderno. Todos os elementos naturaes foram substituídos pelo producto mecanico. A
pedra e o mármore, que os nossos avós trabalharam, na porfia de séculos, passaram a subsídio dos metais e são modelados pelo gume das lamínas de aço, movidas a electricidade. A usina, o silo, o arranha céu, o transatlântico, a aeronave abrigam milhões de seres padronizados pelos sindicatos, pelas corporações, pelas sociedades trabalhistas. A revolução industrial inventou um Rei absoluto; o Estado collectivista.

O remédio violento de que lançou mão a democracia socialista, para defender as suas últimas posições, em face do novo Rei nascido da machina, está apressando, talvez, a sua própria ruina. Para prolongar o regime de um individualismo abstracto, para garantir a existência do “cidadão”, que é o seu princípio metaphysico, a democracia criou o “standard of living”, o dogma do conforto material, o chимismo das digestões reguladas “a priori”, pela dosagem mathematica das calorias. Abandonando o luxo da eloquencia jacobina, a democracia, no proposito de salvar as suas queridas urnas eleitoraes, tornou-se esportiva, hygienica, e inventou, como derradeira arma defen-
siva, o monotonio primado das “séries” A democracia transformou-se na apotheose do catalogo. O cidadão, em troca de uma origina
cidade possivelmente perigosa, converteu-se em simples numero ordinal. Conforme seu padrão economico, elle se inclue na 1.ª, na 2.ª ou na 3.ª classificação do “Standard” irremediavel. Poderá, então, habitar tal série de casas, vestir tal série de casemiras, calçar tal série de botas, viajar em tal série de veiculos terrestres, aereos e maritimos, morar em tal série de bairros, comer tal série de alimentos, gosar de tal série de prazeres.

Para chegar a esse objectivo, de modo seguro e sem falhas, foi necessario empregar um formidavel apparellhamento. Alliada ao capitalismo das grandes industrias, a pique de sofrer enorme “crack”, sob a pressao de um extraordinario “stock de guerra” sem mercados para colocar-se, e temendo, logicamente, as consequencias de um “chômage” cada vez mais crescente, a democracia enveredou pelo caminho da super-producção. Nos Estados-Unidos, na Allemanha, na Australia, na Inglaterra, no Canadá as fabricas se multiplicaram. Até
1928, o jogo dos empréstimos conheceu os lances de paradas imprevistas. O dinheiro americano e inglez, principalmente, era a melhor mercadoria, mercê dos interesses que produzia. E os mais fabulosos “stocks” se acumularam. Segundo a lei natural da gravidade econômica, o capitalismo internacional, para sustentar a procura e manter os mercados consumidores, derramou pelo planeta sommas astronômicas.

Dado, porém, o rythmo accelerado da super-produção, a crise tornar-se-ia inevitável. Pouco e pouco, num mundo anemiado pela rarefação de consideráveis mercados, como a Russia, a China e a India, sem referir os da maioria da America do Sul, empobrecida pela falta de confiança no tino administrativo dos seus dirigentes, começou a surgir a legião dos “sem trabalho”. Forçadas a paralisar a sua actividade, deante dos colossaes “stocks” acumulados e da progressiva diminuição da capacidade aquisitiva de quasi todos os países tributários da industria das grandes potencias, as usinas principiaram a fabricar a toxina do “chômage”. Em alguns annos apenas vinte milhões de individuos, pela primeira vez na
historia da humanidade, vinte milhões de indivíduos naturaes dos maiores Estados do Universo, entraram para a categoria dos pârias sociaes.

O mundo morre de fome, por excesso de comida. Doze milhões de desoccupados, na União Americana, como fazia notar recentemente o presidente da Federação Operaria dos Estados Unidos, no seu appello ao sr. Hoover, pedem pão, deante dos armazens attestados de toneladas de trigo que não pôde ser vendido nem abaixo do preço de custo. Na França, jogase fôra a uva, a mesma uva que se compra, em Paris, a peso de ouro. No Brasil, atira-se ao mar o café. Na Australia, o carneiro vale menos que a forragem necessaria para o alimentar.

Será possivel, ainda, retornar á civilizacao da qualidade? Será possivel salvar o individuo, libertando-o da servidão do conforto? Será possivel trocar uma “Cadillac” voluptuosa pela humildade do espirito, na disciplina da creacao? O Estado collectivista, fruto da democracia liberal, renova as experiencias de Fausto. Francamente, nossa alma valera menos que um motor de explosão?
A organização do Estado, na América Latina, sofreu todos os males do ambiente moral e intelectual do primeiro quartel do século passado. A perigosa lição que nos herdou a Revolução franceza contribuiu, profundamente, para o acervo de erros e desatino que distingue a nossa experiência democrática.

Os caudilhos e os políticos inflamados que, dos desertos desolados do México, às selvas amazonicas e às planuras pampeanas, varearam do continente os exércitos reaes das metropoles, libertando povos e criando patrias novas, transmitem às nossas gerações, através do tempo, certos prejuizos, enraizados na consciência americana, determinados preconceitos de rara resistencia, que é mistér combater e destruir, com animo igual ao que im-
pelliu os soldados da nossa independência contra as bandeiras reaes de Portugal e Castella.

A ideologia jurídica, o lyrismo sociologico dos jacobinos foram, e continuam a ser, infelizmente, os fermentos activos do Estado latino-americano. Em cada cidadão deste novo mundo complexo reponta um "convencional" de 89. O amor aos grandes modelos das civilizações passadas obscurece-nos, muitas vezes, a visão directa da realidade.

Dess'arte, antes de procurarmos conhecer as nossas mais immediatas necessidades, antes de penetrarmos na substancia mesma da nossa psyché, inventamos todo um systema de leis inapplicaveis, ideamos códigos que se não ajustam ao nosso caracter e firmamos princípios importados de outros povos, cuja índole aberra da nossa.

De tudo isso, que resulta? A confusão e a indisciplina, a inquietude e a desesperança em que nos debatemos, há mais de uma centuria. Experimentamos os mais oppostos e desencontrados methodos, sem indagar, preliminarmente, da sua exequibilidade. Antes de conhecer a doença, entramos a discutir e a em-
pregar toda uma therapeutica estranha e complicada.

A historia politica da America do Sul confirma, nesse passo, os nossos assertos. No ar-cabouço da Bolivia ou do Paraguay, quizemos metter, á força, a massa poderosa da experiencia juridica e social das doutrinas germanicas ou anglo-saxonicas. No Equador ou na Venezuela plantamos as sementes do constitucionalismo norte-americano.

Ao invés de construírmos, com elementos proprios e de accórdo com a nossa idiosyncrasia, o Estado brasileiro, argentino ou chileno, respeitando as suas differenciaes, os seus pendores e as diversas influencias humanas e mesologicas, architectamos, em linhas do mais lamentavel artificialismo, edificios inexpressivos da nossa cultura e da nossa indole. Fize-mos, no afã de imitar, uma serie de Estados sob medida exotica. E ficamos attonitos por-que o feitio adoptado e o talhe do córte contrariavam, de modo singular, o molde natural que nos convinha.

Dahi surgiu a terrivel antinomia em que vivemos. Em face de um Estado perfec...
um homem, que não o compreende. Deante da máquina delicada levanta-se o operário que não sabe manejar-a ou que a maneja não raro desastradamente. A exemplo dos seus principais vizinhos, o Brasil inverteu o problema capital do seu desenvolvimento. Aqui, por mal da nossa formação espiritual, traçamos regras políticas antes de cuidarmos attentamente da administração, e procuramos nas discussões estéreis de agora a solução dos problemas econômicos e financeiros.

Precisamos emendar quanto antes a mão. Das boas finanças e da economia inteligente é que depende a melhor política. Organizemos o nosso país administrativamente. Só os povos bem organizados têm direito a viver na paz e na prosperidade.
O Plano Quinquennal. Os Soviets na engrenagem capitalista

Desde 1926, até agora, os Soviets fizeram, à indústria allemã, encomendas no valor de 500 milhões de marcos. As letras que elas assignaram, para garantir as negociações, — e que foram avalizadas pelo governo do Reich — começaram a vencer-se em abril deste ano. Excusa referir que elas não foram pagas. Resultado: os bancos appelaram para o Estado. Sabe-se o resto: grito de socorro do marechal Hindenburg ao presidente Hoover, suspensão das reparações, conferências de Londres, de Paris e de Berlim, reunião dos peritos do Banco Internacional de Reajustamento, etc. O Reich prepara-se para pagar, em lugar dos Soviets, as letras vencidas, na importância, actualmente, de 150 milhões de marcos, ou cerca de 900 milhões de francos.
A especulação internacional, em crescente ascensão depois da estabilização da libra, em 1925, e do franco, em 1926, aproveitou a inocência dos planos de industrialização da Rússia, para realizar a mais desabusada jogatina de que há memória no universo. Nenhum país da Europa conseguiu escapar aos torvelinhos dessa impetuosa corrente. Os proprietários franceses, tão escarmentados com as suas experiências moscovitas, que lhes custaram, mercê da bancarrota tzarista, 27 milhões de francos, ou sejam, hoje, com juros e interesses, cerca de 300 bilhões, os próprios franceses contribuíram, indirectamente, para os perigosos riscos da empresa. Pois o dinheiro que elas emprestaram aos ingleses, depois de passar aos bancos alemães, escorreu para os bolsos de Staline. Até os pequenos países da Europa Central, deante dos altos juros oferecidos por Moscou, emprestaram as suas economias aos bolchevistas.

A miragem do Plano Quinquennal deveria transformar a U.R.S.S., dentro de um lustro, em uma replica européia dos Estados Unidos da América. A velha Russia agricola e pasto-
ril, a velha Russia dos “mujicks” e dos “cos-sacos”, nutrida pelos capitaes de Nova York, de Londres, de Berlim e de Paris, substituiria as suas florestas de pinheiros por outras tantas florestas de torres e chaminés de usinas e altos fornos.

Staline organizou, com a pericia de um general do antigo estado-maior de Kaiser, o seu plano de batalha, baseando-o nos empres-timos estrangeiros e nos fabulosos lucros da sua balança commercial. Em troca de toros de madeira, de gazolina, trigo, centeio, linho, car-nes, em troca dos productos da terra ella receberia os machinismos de toda a sorte que abarrotavam os depositos das fabricas da Allema-nha, da Inglaterra e dos Estados Unidos.

Para manter esse rythmo, dentro do pra-zo prefixado, necessitava a Russia, porém, de uma confiante e doce tranquilidade economic-a, de uma esplendida saude financeira no res-to do mundo. Para que se apparelhavam os bolchevistas nas industrias? Naturalmente, para destruir, pela mais desenfreada concor-rencia, as fontes de riqueza dos Estados capi-talistas.
Mas o “dumping” é uma esplendida arma, quando o seu uso não transcende os limites do real. Enquanto os communistas encontraram facilidades financeiras e mercados consumidores, o “dumping” produziu ótimos resultados. Chegou, todavia, o momento da saturação e da carencia de credito e de moedas. Retrahiram-se os compradores, fecharam-se os mercados por falta de numerario, desapareceram os especuladores, varridos pela crise fatal de desconfiança. E a Rússia atravessa, neste instante, o seu “quarto de hora de Rabelais”

Se o Plano Quinquennal não fosse contrariado pelo irremediável relativismo da realidade, os Soviets poderiam fazer face, mais ou menos, aos reclamos das duras contingencias. Mas o Plano mirifico abortou. Na hora dos pagamentos, Moscou tem os cofres vastos. Seus diplomatas, formados nos segredos do antigo regimen, voltam os olhos para a França e para os Estados Unidos. Entretanto, para se entenderem perfeitamente com os banqueiros americanos e parisienses, falta-lhes o essencial: a capacidade de pagar as dívidas.
As boas contas fazem os bons amigos. Staline, certamente, estará pensando que a moral dos proverbi os não é simplesmente devaneio de philosophos. Presa, na engrenagem do capitalismo, a Russia não faz boa figura. Na hora do “salve-se quem puder”, os lobos se arrimam às ovelhas e os generaes fogem com os mais humildes cabos de esquadra.
O congresso da população em Roma e o futuro da Europa

Deante das conclusões pessimistas dos sabios reunidos no Congresso da População, que se reuniu, em 1931, em Roma, todas as théorias malthusianas ficam seriamente abaladas. Ao revés do que assoalhava o precursor da "economia uterina", a humanidade não cresce geometricamente e o perigo tragico das grandes agglomerações humanas, morrendo de fome e irremediável miséria, por falta de alimento e condições de hygiene elementar, num mundo saturado de habitantes, parece uma fantasia dramática de Malthus. Isso é o que se deprehende, pelo menos, de varias comunicações, lastreadas de estatisticas e calculos minuciosos.

Corroborando os luminosos estudos do sr. Félix Vieuille, no "Bulletin de la plus grande famille", e retomando as suas pesquisas, nesse
sentido, o sr. Fernando Boaverat, vice-presidente do Conselho superior francez da natalidade, apresentou, em Roma, dados curiosíssimos sobre o assumpto. Baseando-se, particularmente, nas pesquisas engenhosas do dr. Burgdoerfer, director da administração de Estatística do Reich e do sr. Corrado Gini, o técnico francez conclui que, desde já, alguns países da Europa se encontram em estado de "despovoamento virtual"

Pondo de lado as tabellas e as cifras, diz elle, em resumo, ser "facil comprehender que se o nivel real (em contraposição ao nivel bruto) da natalidade (abrangendo o numero das mulheres na edade normal da fecundidade, isto é, entre 15 e 45 annos) é, hoje, na Allemanha, de 14,8 por 1.000, emquanto o nivel da mortalidade attinge 17,4 por 1.000, pode-se verificar, "prima facies", que a população do Reich está, presentemente, em estado de virtual decréscimo. O que ainda mascara o fenômeno é o numero considerável de adultos de ambos os sexos, mas, se a natalidade diminue, o numero desses adultos forçosamente determinará um decréscimo, em proveito dos ve-
llhos; e, augmentando, proporcionalmente, o coeficiente de velhos, é natural que se eleve o nível da mortalidade”

No seu relatório, submettido ao apreço do Congresso de Roma, o dr. Burdgoerfer apresenta um quadro, segundo o qual, supondo-se que se mantenha o nível actual da natalidade, “a população allemã, que é, hoje, de 64.698.000, atingirá um máximo de 69.760.000 habitantes, em 1960, para baixar a 66.746.000 no anno 2.000. Mas, se se verifica a hypothese de um declinio total, no proximo periodo de 25 annos, quer dizer em 1955, de 25% na fecundidade das mulheres na edade da procreação, — então o máximo da população allemã atingirá, em 1945, 61.702.000 habitantes, para começar a cair, desde o anno seguinte, na progressão de 500.000 habitantes por anno, até chegar á cifra de 46.891.000, no anno 2.000”

Commentando esses calculos, refere outro especialista, o sr. Henri Brenier, que taes conclusões pessimistas se applicam, por egual, a outros paizes da Europa, entre os quaes, a França, a Inglaterra, a Suissa, a Austria, a Hungria, a Noruega, a Dinamarca, a Belgica, etc. A Italia, a Russia, a Hespanha e Portu-

Em face dessas previsões, feitas pelos técnicos mais notáveis da Europa, ficarão de pé as estimativas generosas do nosso serviço de Estatística, em relação ao Brasil? Nossa população atingirá mesmo 240.000.000 de almas, em 1990? Ou conheceremos, também, os vertiginosos declínios da Europa e dos Estados Unidos da América? O nosso crescente “melting-pot” terá o privilégio de nos libertar dessa ruina, dessa catastrophe terrível de sêres humanos? Porque, deante dos formidáveis e incessantes indices da China e da Índia, parece evidenciar-se o facto da decadência ge-
nesica das raças brancas, por todo o planeta. Emquanto os amarelos e os negros se multiplicam, os “aryanos” se volatilizam. O cérebro do homem branco será, afinal, vencido pelo ventre das asiáticas e das africanas? A natureza, por vezes, vinga-se cruelmente dos profetas. A lei de Malthus será pura allucinação?
O materialismo económico contra a civilização

Sir Montagu Norman, governador do Banco de Inglaterra, e o sr. Snowden, que ameaçou a França, durante os complicados jogos do Plano Young, com o seu pesado tacto de campeão das finanças internacionaes, estão conhecendo, agora, o amargor de uma verdadeira crise sul-americana no Thesouro de Sua Majestade Britannica. Os processos empregados pelo socialismo, para esticar o dinheiro e transformar miseras fracções em brilhantes unidades, corroeram, como ácidos violentos, o bom metal da libra esterlina. E essa moeda aristocrática, cheia do nobre orgulho da sua linhagem secular, essa moeda que repelia, sobranceira, a convivencia dos padrões proletarios, acaba de tomar assento na fragil barca do peso argentino, do sol peruano e do mil reis brasileiro. A libra perdeu a gravata de seda e o re-
ceio de que ella se encontre, brevemente, em mangas de camisa, faz embaciar os monoculos dos Lords.

O "gold standard", o "standard of life", a nossa quebradiça "estabilização", em suma, todas as invenções do honrado e curto materialismo economico, para instituir a metaphysica da felicidade, baseada no prazer voluptuoso do conforto barato e universal, voltaram-se, de repente, contra os seus credores. O preconceito do liberalismo democratico, inspirador das guerras e das grandes especulações de Bolsa, revelou-se o peor inimigo da liberdade humana.

A burguezia europeia chora o fim do regimem capitalista. E as cellulas communistas de Londres, de Paris e de Berlim exultam. Mas, oh! engano teimoso e cego, onde está a panacea bolchevista? Staline é o ultimo herdeiro do capitalismo. O regimen de Moscou, longe de ser um novo passo para a liberdade, é o dernadeiro esforço que a ideologia do século XIX tenta, para evitar a catastrophe de todas as esperanças dos seus prophetas. A technica marxista, filha da revolução franceza, é um
espectro retardatario, que diverte e fascina os snobs, espantados ante as musculaturas selvagens dos “mujicks” de Vorochiloff.

O desmoronamento subito do “gold point” está produzindo, entretanto, um effeito inesperado, que pode ser salutar. A Europa terá compreendido, afinal, que a segurança do seu patrimônio de cultura e substancia moral transcende a rhetorica florida e cruel da Sociedade das Nações, dos discursos pacifistas de Lord Cecil, do sr. Briand e de toda uma legião de chinezes, egypcios, turcos e guatemaltecos eloquientes?

O perigo é um poderoso agente de socia­bilidade. Quando o navio está á mercê das ondas, os inimigos se reconciliam para auxiliar a manobra dos escaleres de salvamento. Como na parábola bíblica, o lobo e o cordeiro se re­unem. A visita do sr. Laval a Berlim tem, nesta hora, um aspecto de parabola. Allemães e fran­cezes terão coragem suficientemente para, esque­cidos de suas disputas de phariseus, aplicar, em commum, o breu, o betume e o alcatrão aos rombos do barco europeu?

“Aquelles que, por certas razões de sentimento, repellem qualquer tentativa de aproximação, fingem não vêr, ou não querem vêr que o destino da Europa está, neste momento, nas mãos da França. Onde o paiz capaz de subtrahir-se ás suas vontades? Não ha mais nem um, depois da crise economic ter paralysado a Inglaterra. A fraca Allemanha, menos do que outro qualquer, estaria no caso de desempenhar esse papel. A marcha contra a França seria a marcha para a ruina, e poderíamos mesmo perguntar se tal ruina seria heroica”
A "Berliner Tageblatt", com toda a sua autoridade tradicional, então igual e significativa ladainha:

"Sabe-se que a França não dá o seu auxílio senão em troca de concessões políticas. Eis aí um facto que a Alemanha deverá aceitar. Em consequência, esperamos, com particular interesse, a viagem do presidente do Conselho francez a Berlim. Ella se annuncia num momento imprevisto, que não pôde senão aumentar, de ambos os lados, o desejo de um entendimento. Paris tornou-se o centro da economia universal e, por isso, da política mundial. E' mistér não esquecer isso, nas decisões de ordem política que deverão tomar-se, entre nós, proximamente"

Da sinceridade desses conceitos depende o futuro da humanidade. Unidas, no mesmo proposito realista e pratico, a disciplina germânica e a razão franceza poderão, talvez, determinar a guinada salvadora, que afaste dos arrecifes, já à vista, o barco da civilização.
A crise económica e o desaparecimento do Anschluss

O acordo austro-alemão está a pique de ser condamnado pelo Tribunal de Haya. Nas condições actuais do mundo, a mais subtil diplomacia política e a melhor inspirada nas tradições do século XIX, não resiste ao rythmo catastrofico das necessidades económico-financeiras. O Rei não governa mais a moeda. A Moeda é o rei.

Genebra parece haver acordado de um sonho reparador. Na presente reunião do Conselho, os diferentes delegados das grandes potências, em suas conversas, em suas nervosas consultas, dão-nos a impressão nitida de especialistas inquietos deante de um complicadíssimo caso clínico. A Liga das Nações parece transformada numa junta médica. O "Anschluss" é a entidade morbida que está em exame. A vaccina de Curtius, destinada a re-
animar, pela transfusão do sangue austríaco, o enfraquecido organismo germanico, revelou-se, ao menos por enquanto, um perigoso produto farmacêutico. A exemplo da insulina nos primeiros tempos os doutores internacionaes receiam o seu emprego. A vacina de Curtius pôde curar um pequeno mal incipiente, mas pôde também, destruir o paciente, que, no caso, é o sonho do Grande Imperio Alemão, senhor de uma nova "Mitteleuropa".

Como sempre sucede, a imprensa alemã não se conforma com o desastre do plano da Wilhelmstrasse. A "Deutsche Allgemeine Zeitung" observa que se atribue o fracasso à situação económica da Europa. O órgão representativo dos grandes syndicatos industriaes, que tanto apoiou o "Anschluss", volta-se agora contra o governo, accusando-o de inhabilidade, tibieza e indecisão. O abandono do governo austríaco, em taes emergencias, afigura-se-lhe imperdoavel:

"A Austria submette-se á direcção de um amigo mais poderoso, confiada na sua força e no seu prestigio no Conselho de Genebra. Para realizar essa politica austro-alemã, o Reich
quiz repousar na sua força. E' elle o único responsável pelo desenlace. Da união aduaneira ao “controle” financeiro eis o caminho percorrido pela política exterior da Allemanha, no espaço de alguns mezes, mercê de se haver arriscado em uma grande acção, com absoluto desconhecimento das realidades políticas.

O sr. Curtius, entretanto, não perdeu a esperança de salvar o seu plano, mau grado os obstáculos formidáveis do momento. O ardiloso ministro conhece os mares da política europeia, como o prudente Ulysses os estreitos, os cabos, as pontas e os archipelagos da Odysseia. O “Anschluss” vae surgir, d’oravante, com outra bandeira menos particularista. E’ o que nos diz o correspondente da “Vossische Zeitung”, em Genebra:

“O sr. Curtius, ministro dos Negocios Estrangeiros, tem a intenção de formular oficialmente ao Comité de estudos para a União Européa, que se reune em Genebra a 3 de setembro, algumas declarações esclarecedoras, antes da questão aduaneira austro-germanica ser tratada no Conselho, e logo que se conheça a sentença da Córte de Justiça."
“O governo alemão, neste momento, está no propósito, já manifestado, de realizar a reunião aduaneira sobre base mais larga, compreendendo a Austria e outros países. Negociações preliminares estão sendo feitas, nesse sentido. Eis porque o sr. Curtius pedirá à Comissão Européa que adie, agora, a discussão minuciosa do plano germano-austriaco. Essa proposta visa evitar o perigo de uma deliberação definitiva, por parte da Sociedade das Nações, acerca da sentença arbitral de Haya”

O referido jornal de Berlim commenta, dess’arte, o comunicado do seu “informatíssimo” correspondente: “Desde que as grandes potências européas chegaram, penosamente, a reconhecer que as fronteiras econômicas não podem ser identificadas com as fronteiras políticas, e que uma comunhão pan-europeia existe, de facto, ficou perfeitamente esclarecida a procedência das negociações germano-austriacas, para o estabelecimento de um território económico commum”. Esse “território” restricto, segundo a “Vossisch Zeitung”, seria a imagem reduzida do grande “território económico” da Pan-Europa.
Em verdade, bem medidas e pesadas as condições do velho mundo, o “Anschluss” é um passo para transformar a panacéa dos Estados Unidos da Europa em qualquer cousa de concreto e de possível. Já alguns francezes avisados, no meio dos clamores e das vocificação de jacobinos e nacionalistas extremados, reconhecem a utilidade desse instrumento. Se as grandes potências não facilitarem a organização da “Mitteleuropa”, num bloco sólido e pacífico, os germens de conflitos próximos e inimagináveis se exacerbarão, outra vez, nesse cadinho de guerras que, do Danúbio, se estende ao Mar Negro, ao Bosphoro, e ao Adriático, e os Balkans accenderão, de novo, a fogueira européa. O sr. Curtius fala pela boca de Minerva. Mas, até hoje, ninguém acredita em Ulysses. “Timeo danaus”
A Racionalização, o Syndicalismo e o Indivíduo

Nas suas desesperadas reflexões sobre a decadência da cultura clássica, verifica Berdiaeff que o indivíduo, como expressão daquelle humanismo do Renascimento, está desaparecendo rapidamente, absorvido pela civilização da quantidade. O “rythmo catastrophico” do machinismo impelle o homem para uma “nova Idade-Média” Uma idade-média sem Deus, regida pelo collectivismo. Uma idade-média em que o principio activo, gerador das comunhões sociaes, não é mais a fé no dogma da moral divina, senão uma simples regra mathematica para dividir, do modo mais homogeneo, a riqueza material entre os homens. Dess’arte, as corporações hodiernas, ou melhor, os syndicatos, constituem-se, não para produzir o artifice e a obra-prima como as suas congeneres medievaes, mas para realizar um “standard of living” puramente sensorial.
Como tantos outros espíritos inquietos, em face do mundo actual, Berdiaeff prevê o eclipse irremediável do “homem natural”, segundo o christianismo e a sua substituição pelo “homem social”, pelo homem pertencente a uma categoria predeterminada. Parece ao philosopho russo que os methodos, cada vez mais imperiosos, da “racionálização” devem acelerar a decadência do “indivíduo” Oriunda do allemão “Rationalierung”, a palavra “racionálização exprime um “systema de organização economica, tendente a provocar um accrescimento do bem-estar nacional pelo abaixamento de preços e o augmento da quantidade e da qualidade dos productos disponíveis.”

A introdução desse processo, ao revés do que afirmam alguns observadores superficiaes dos phenomenos economicos, não é tão recente quanto se propala. Elle não é apenas uma conseqüencia do machinismo, um detrito da revolução industrial. Já o mundo antigo o conheceu, sob o aspecto das castas, das corporações, das comunas. Toda a obra methodológica de Taylor e de Fayol é um claro exemplo de “racionálização” Le Play e Fustel de
Coulanges, cuja lição se prolonga nas observações de Le Chatelier, de Frémínville, Dalbouze e da senhora Gina Lombroso Ferrero, puderam demonstrar que o segredo da "economia franceza" se encontrava na inteligência da "epargne" domestica. Sem saber, a dona de casa, na cidade, como o pequeno proprietario, no campo, e o pequeno commerciante, na aldeia, praticaram, desde tempo remoto, a "racionalização". Guardar o terço da renda liquida, para melhorar a qualidade e aumentar a quantidade dos bens materiaes, é "racionalizar" espontaneamente os meios da existencia social.

A terrível crise economica do momento não é consequencia de um excesso de "racionalização", mas, seguramente, da insufficiência ou deficiencia do seu emprego. A multiplicação exaggerada das usinas, decorrentes da guerra e do perigoso empirismo industrialista, gerado entre 1914 e 1922, foi a causa primordial da inquietação contemporanea. A machina produziu dois erros de repercussão incalculavel: 1.º — uma noção anti-natural da riqueza, que se inscreve neste axioma barbaro:
a quantidade abaixa os preços, logo, é mistér produzir muito para tornar fácil a vida; 2.° — uma noção anti-natural da felicidade, que se inscreve neste axioma, ainda mais barbaro: a saúde do corpo é o primeiro dos prazeres do espírito, logo, o homem precisa de conforto material para ser feliz.

A metaphysica mecanista lançou os germens desse economismo do desespero, que, por falta da justa comprehensão do valor da máquina, no século XIX, tentou converter cada Bulgária, cada Suissa, cada Republica sul-americana em uma replica da Grã-Bretanha. Nem a Inglaterra, no século passado, nem os Estados Unidos, neste, poderão servir de modelo aos theoristas da super-produção industrial. Não foi a machina, por si mesma, que fez a riqueza britannica. Foi, sobretudo, a exploração privilegiada, o monopólio dos mercados do Novo-Mundo, da Asia e da Africa, durante os ultimos annos do século XVIII e o primeiro quartel do século XIX. Emquanto Paris e Berlim, Varsovia e Vienna, Roma e S. Petersburgo, Lisboa e Madrid se agitavam e se consumiam no incêndio das revoluções e das
guerras, Londres fazia-se herdeira do resto do mundo. A bandeira inglesa cobria todas as transacções e varria dos mares os pavilhões de Castella e as águias napoleónicas. A batalha de Trafalgar foi a melhor operação de Bol-sa até hoje feita pelo Império Britânico.

Da mesma sorte, os Estados Unidos não oferecem exemplo digno de seguir-se. Seu extraordinario "standard of living" foi o fruto da guerra, dos mercados repentinos que a furia dos campos de batalha impoz aos países productores, fora da zona do conflicto. Dahi proveio o mytho do industrialismo desmedido. Não foi, portanto, a "racionalização" que determinou o "chômage", mas o desequilibrio entre uma produção crescente e um consumo decrescente.

Para obviar esse mal, que ameaça destruir os fundamentos da civilização e a ordem universal, os peritos europeus e norte-americanos recommendam às grandes potencias o remédio da "racionalização" praticada em pequena escala; inspirando-se no facto de que as indus-trias mais prosperas são as dos países que, á guisa da França, não possuem grandes usinas.
O exemplo de Paul Rodier, organizando cooperativas dirigidas por chefes industriais, e o das indústrias lyonezas, articuladas em núcleos de pequenos proprietários, comerciantes e operários, solidários entre si, são os que mais se apontam, hoje, para a convalescência da crise economico-financeira da Europa e dos Estados Unidos. O plano quinquenal corresponde, assim, à última e desconsolada miragem da civilização machinista. Sua falência, como a todos os sistemas de socialismo materialista, importa no reconhecimento de que a felicidade não é a riqueza. Deus é o limite do homem. Sob esse signo promissor, entramos no crepusculo de uma idade histórica.
Depois de treze annos de experiencia comunista, feita “in anima nobilis”, em detrimento da propria substancia humana, com o sacrificio doloroso de todo o patrimonio da cultura occidental, os observadores dos meandros da politica universal conseguiram chegar a esta conclusão espantosa: o Governo Bolchevista é a incarnation do mais desesperado capitalismo. As cinzas de Lenine se inflamarão, um desses dias, na sua cripta de Moscou, e, do seu poderoso cerebro, o impossivel sonho marxista explodirá em lavas de revolta e maldição.

Já as prophecias de Trotzki, em suas “Memorias”, se convertem em formulas exactas da realidade. De facto, ante as monstruosidades provocadas pela executeo do Plano Quinquen- nal, ninguem, de boa fe, poderá duvidar mais
de que a dictadura do proletariado seja a simples mascara de um formidável jogo de bolsa, secretamente auxiliado pelos magnatas da alta finança, que se divertem nos seus castellos ingleses, constroem arranha-céus em Nova York e Chicago, compram acções de companhias de navegação e estradas de ferro na America do Sul, na Asia e na Australia.

Staline ultrapassou, no seu faro de especulador sinistro, as combinações mais subtils, os cálculos mais impudentes da aristocracia israelita da Europa. Não julguem os leitores apressados que os nossos commentários são fruto de odio burguez ou artigo de encommenda, mera peça de engrenagem do sistema de propaganda conservadora. Basta um minuto de raciocínio desinteressado, livre de qualquer paixão partidaria, para convencer um homem de boa vontade, para convencer o mais exaltado marxista de que não há exagero em nossas conclusões.

Senão, vejamos. De que argumentos se serviam os apostolos de Marx e Engel para combater as democracias capitalistas? Da escravização do homem à machina, da compressão
militarista, da absorpção do indivíduo pelos barões feudaes da industria, dos trusts e dos bancos, da suppressão da liberdade politica, transformada em instrumento cégo do poder.

Segundo os prophetas da grande reforma social, o mundo só se transformaria, a humanidade só seria feliz, quando reinassem os mandamentos da Biblia do Trabalho, de onde se derramariam, aos quatro ventos, as sementes da edade de ouro. O marximalismo, triunfador na Russia, foi recebido pelas esquerdas revolucionarias como o signal precursor do rapido estabelecimento, por todo o planeta, dos governos da egualdade, da liberdade e da fraternidade. O poder publico deixaria de constituir o privilegio de meia duzia, para se fraccionar em tantas parcelhas quantas representassem os habitantes de um pais. Os exercitos e as esquadras desappareceriam. A propriedade seria commum. O trabalho seria, como nos cantos de Hesiodo, uma disciplina de alegria. O governo seria uma comunhão.

Staline, espertissimo e pratico, desde o desapparecimento de Lenine, comprehendeu perfeitamente que a nova astronomia social
conduziria o mundo a um estado de gazeificação proximo da nebulosa. E, como não lhe era facil reagir, dentro da realidade, aceitou solertemente as imposições irremediaveis desta, sob o disfarce das formulas communistas. Começou por destruir, desde logo, os restos de uma elite, ainda emergentes do cataclismo de outubro. Para reinar commodamente, suprimiu o espírito. A linguagem das typographias, na União das Republicas Sovieticas, é uma só. Todas “falam bolchevista”. O livro, o jornal, qualquer especie de papel impresso participa do dogma stalinista. O dictador reduziu a Rússia a uma tênue minoria, sob a sua tutela. Tão mesquinha é, hoje, a minoria governamental, que a “minoria tzarista” seria, em confronto, uma enorme população.

Mas não se se satisfez com essas primordiais medidas. Para remediar o chãos financeiro e economico, para juntar o ouro necessario á manutenção da sua dictadura, ameaçada de ruir por falta de numerario, Staline lançou mão de um alvitre digno dos persas e dos chins do Celeste Imperio. Como não lhe era possivel realizar transacções ostensivas com
a alta finança ingleza, americana e franceza, alliou-se a ella, subrepticamente, de um modo singular: recebendo do Reich os milhões que Londres e Nova York enviavam a Berlim, a juro alto, e a Allemanha lhe emprestava, para fins economicos e politicos, a juros ainda mais altos. Esses milhões foram empregados, na quasi totalidade, no armamento do exercito vermelho, cujos officiaes e soldados gozam de favores excepcionaes e de privilegios semelhantes aos dos membros do G.P.U. e do governo dictatorial. Protegido por esse formidavel “escudo armilar”, Staline tenta salvar o poder e a pelle, á custa das mais cruéis imposições, á custa da carne e do sangue do povo russo. O Plano Quinquennal de cuja fallencia ninguem duvida hoje, mau grado o fogo de artificio de Moscou e dos beocios que o applau dem, representa a escravização de cerca de nove decimos da populacao russa. O Plano de Staline baseia-se no mais perigoso “dumping” de que ha noticia. Para prolongar-se no poder, o dictador, que habita o palacio dos Tzares e come na baixella dos Alexandres e de Nicolau, revogou todas as leis de Lenine e, o que é mais
extraordinario, todos os “ukases” imperiaes sobre as liberdades do operariado citadino e rural. Nas florestas, abatendo arvores para o “dumping” da madeira, nos campos, plantando e colhendo trigo, centeio e aveia, para o “dumping” dos cereaes, nas fabricas, rebatendo o ferro, o aço, trançando o fio de seda, o fio de algodão, e o fio de lã, para o “dumping” industrial, o operario russo (consultem-se os ultimos decretos de Staline, regulando a producção) não tem horas certas de trabalho. Não come nem repousa. Não dorme quasi. Doze, quatorze horas de labor intenso, junto ás fornalhas ou debaixo da neve, entre os pinhaes da fronteira finlandeza, o homem russo esgota as suas ultimas resistencias physicas, muitas vezes separado á força da mulher e dos filhos, como os africanos da era colonial, para enriquecer um regimen de espoliadores, socios do mais desenfreado capitalismo.

Staline tem fome de ouro. Mas a sua dictadura armada, que incendeia os originaes e os retratos de Tolstoi e obriga a intelligencia a vestir a tunica bolchevista, está fadada ao
mallogro, porque não repousa no espirito mas nas exigencias do estomago e do baixo ventre dos soldados vermelhos. Quando faltar carne fresca, como se comportarão os martyres do bolchevismo?
ULTIMAS EDIÇÕES DA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 24-A/30 • SÃO PAULO

Vlagenes
Vol. 1 — Monteiro Lobato — AMÉRICA (2a edição) . . . . 6$000
Vol. 2 — Nelson Tabajara de Oliveira — SANGHAI (2a edição) . . . . 6$000
Vol. 3 — Caio Prado Junior — U.R.S. S., UM NOVO MUNDO (2a ed.) . . . . 6$000
Vol. 4 — Nelson Tabajara de Oliveira — JAPÃO . . . . 6$000
Vol. 5 — René de Castro — EUROPAPA INQUIETA . . . . 6$000
Vol. 6 — Lider Sagen — DINAMARCA (edição ilustrada) . . . . 6$000
Vol. 7 — Ribeiro Couto — CHÃO DE FRANÇA . . . . 6$000
Vol. 8 — Nelson Tabajara de Oliveira — O ROTEIRO DO ORIENTE . . . . 6$000
Ronald de Carvalho — ITINERÁRIO . . . . 5$000
Ronald de Carvalho — CADerno DE IMAGENS DA EUROPA . . . . 6$000

Ensaios e romances históricos
Aliciades Delamare — VILLA RICA (edição ilustrada) . . . . 10$000
Paulo Setúbal — O ROMANCE DA PRATA (edição ilustrada) . . . . 6$000
Paulo Setúbal — O SOMBO DAS ESMERALDAS (edição ilustrada) . . . . 6$000
Paulo Setúbal — AS MALUQUICES DO IMPERADOR (4a edição) . . . . 6$000

Literatura Brasileira
José Americo de Almeida — COLTEIROS (2a edição) . . . . 6$000
Helio Lobo — NO LIMIAR DA ASIA, A U.R. S.S. . . . . 6$000
Carolina Nabuco — A SUCCESSORA . . . . 6$000
Entas Ferraz — UMA FAMILIA CARIOCA . . . . 6$000
Julia Lopes de Almeida — PASSA-RO TONTO . . . . 6$000
Osvaldo de Andrade — A ESCADA VERMELHA . . . . 6$000
João Luso — ALEGRIA E TERNURA . . . . 6$000

Brasiliana
Vol. XXXIX — E. Roquette Pinto — RONDONIA (3a edição aumentada e profusamente ilustrada) . . . . 15$000
Vol. XL — Pedro Calmon — ESPÍRITO DA SOCIEDADE COLONIAL (edição ilustrada) . . . . 10$000
Vol. XLI — José Maria Bento — INTELLIGENCIA DO BRASIL . . . . 8$000
Vol. XLI — Pandiá Calogeras — FORMAÇÃO HISTÓRICA DO BRASIL (2a edição com 5 mapas fora do texto) . . . . 15$000
Vol. XLI — A. Saboia Lima — ALBERTO TORRES E SUA OBRA . . . . 8$000
Vol. XLIV — Estevão Pinto — OS ÍNDÍGENAS DO NORDESTE (edição ilustrada) . . . . 10$000
Vol. XLV — Basílio de Magalhães — EXPANSÃO GEOGRAPHICA DO BRASIL COLONIAL (2a edição aumentada) . . . . 12$000

Philosophia
Will Durant — HISTORIA DA FILOSOFIA — A Vida e as Ideias dos Grandes Philosophos (tradução de Godofredo Rangel e Monteiro Lobato) . . . . 15$000

Biographias
Alberto Rangel — GASTÃO DE ORLEANS — O Último Conde D’Eu (edição ilustrada) . . . . 12$000
Clifford Whittingham Beers — UM ESPÍRITO QUE SE ACHOU A SI MESMO . . . . 10$000

Sociologia
Fernando de Azevedo — PRINCÍPIOS DE SOCIOLOGIA . . . . 15$000

Discursos e Conferências
Martinho Nobre de Mello — RUMO DO BRASIL . . . . 10$000

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliana@usp.br).